

UniAGES
Centro Universitário
Licenciatura em Educação Física

SIBELE PEREIRA DOS SANTOS

**JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA:
uma ferramenta pedagógica para desmitificar a separação
por sexo nas aulas contribuindo para o desenvolvimento
do Educando**

Paripiranga
2021

SIBELE PEREIRA DOS SANTOS

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma ferramenta pedagógica para desmitificar a separação por sexo nas aulas contribuindo para o desenvolvimento do Educando

Monografia apresentada no curso de graduação do Centro Universitário AGES, como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Tiago de Melo Ramos.

Paripiranga
2021

SIBELE PEREIRA DOS SANTOS

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma ferramenta pedagógica para desmitificar a separação por sexo nas aulas contribuindo para o desenvolvimento do Educando

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física à Comissão Julgadora designada pela Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso do UniAGES.

Paripiranga, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tiago de Melo Ramos
UniAGES

Nome do Professor
UniAGES

Nome do Professor
UniAGES

A minha mãe Iracelma Pereira dos Santos, que sempre acreditou em mim e me incentivou a nunca desistir, e meu filho que me dá forças todos os dias para continuar a lutar.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Universitário Uniages, por ter me proporcionado conhecimento nesses longos e cansados quatro anos de graduação, possibilitado o tão desejado diploma, ter proporcionado experiências maravilhosas e ter me presenteado com amigos tão incríveis.

Ao meu orientador, Tiago Mello, por sua orientação na construção de cada etapa desta monografia, pela disponibilidade, foi primordial para pudesse ter conhecimento para construção desta pesquisa científica.

A minha mãe, Iracelma, que, desde o início, desta graduação nunca soltou a minha mão, cuidou de mim em todos os sentidos até nos pequenos detalhes.

A minha tia, Suelaine, que me incentivou a ingressar na faculdade e por ter me ajudado.

Aos meus amigos e parentes, Emille, Aline, que sempre me apoiaram e me ajudaram.

Aos que não acreditaram em mim, acreditem só alimentou ainda minha força de vontade.

Ao meu amigo, Tiago, por todo companheirismo.

Aos meus colegas de república, Híllary Glendra, João vitor, Cleilton e Luan, pelo companheirismo, companhia, gargalhadas e coreografias, sem vocês eu não teria sobrevivido longe do aconchego de minha casa e dos meus familiares e claro aos momentos de descontração com vocês para aliviar o cansaço da vida acadêmica. Vocês estão guardados em meu coração!!

Aos demais colegas e acadêmicos, que estiveram comigo nesses quatro anos de UniAges, aprendi muito com cada um.

RESUMO

Os jogos e brincadeiras, uma temática de ensino proposta na BNCC, auxiliam no ensino e aprendizagem. São uma ponte para socialização e interação dos alunos, fatores importantes para a formação dos indivíduos. Logo, uma ferramenta importante para desmistificação da separação por sexo dos alunos nas Educação Física, pois a separação, nas aulas, só favorece a discriminação e o preconceito dentro da sociedade, contribuindo para a formação de indivíduos preconceituosos que não respeitam as diferenças. É claro que esses modelos de aulas são resquícios da Educação Física e seus períodos históricos. Por cerca de 25 anos, de acordo com decreto de número de 69.450, esses modelos de aulas eram defendidos, porém, com PCNS e LBD foram sugeridas a ocorrências de aulas mistas, mas a divisão foi tão enraizada que mesmo não sendo mais obrigatório, continuou com aulas separadas indiretamente, com a exclusão dos menos habilidosos, mulheres ou separação definitiva dos alunos por sexo. Contudo, os modelos de aulas, assim, só potencializam a desigualdade de gênero nas aulas de Educação Física em relação à vivência nas atividades e, além do mais, já estão ultrapassados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Brincadeiras e Jogos; Sexo e Gênero.

ABSTRACT

The plays and games, a teaching proposal theme in BNCC (Common National Curriculum Base), helps in the teaching and learning. They are a bridge for socializing and interaction of students, important factors for the individuals formation. Therefore, an important tool for demystification and segregation by sex of students in Physical Education because segregation in classes only favors discrimination and prejudice inside society, contributing for the formation of prejudiced individuals that does not respect the differences. Of course, these class models are remnants of Physical Education in its historical periods. For about 25 years, according to the decree number 69.450, these class models were defended, however, with the PCNs (National Curriculum Parameters) and LDB (Law Guidelines and Bases of National Education) it was suggested the occurrence of mixed classes, but the division was so rooted that even being obligatory, it kept going indirectly with separated classes, with the exclusion of the less skilled, women or definitive segregation of students by sex. However, the class models, that way, just potentialize the inequality of gender in Physical Education classes regarding the experience in activities and, besides, it is outdated.

KEYWORDS: School Physical Education; sex and gender; Plays and Games.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
LDB	Lei e Diretrizes de Base da Educação
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: livros e TCC.....	45
Quadro 02: Artigos científicos.....	46

SUMÁRIO

1 MARCO INTRODUTÓRIO.....	11
2 MARCO TEÓRICO.....	15
2.1 Relação da História da Educação Física e a Separação dos Alunos por Sexo.....	15
2.2 Aulas Mistas ou Aulas Separadas na Educação Física Escolar.....	21
2.3 Gênero e Sexo.....	27
2.4 Brincadeiras e Jogos.....	33
2.5 Importância da Formação Continuada na Ação Docente.....	37
3 MARCO METODOLÓGICO	43
3.1 Tipos de Pesquisa.....	43
3.2 Critérios de Inclusão e Exclusão.....	45
4 MARCO ANALÍTICO	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	56
ANEXO 01.....	57
ANEXO 02.....	59
ANEXO 03.....	61

1 MARCO INTRODUTÓRIO

Os Jogos e Brincadeiras são uma temática de ensino proposta pela Base nacional comum curricular na disciplina de Educação Física, indispensável para aquisição do conhecimento, por ser um conteúdo que possibilita ensinar, através de uma brincadeira ou jogo, diversos conhecimentos, por isso, pode ser facilmente utilizada como uma ferramenta auxiliar para o ensino.

Pellegrine (2007) afirma que, ao brincar, a criança tem inúmeros benefícios no processo de desenvolvimento, por exemplo, socialização, a autonomia, além de estimulá-la a criar e recriar e permite desenvolvimento de habilidades. Ao movimentar-se, a partir das brincadeiras e jogos, a criança amplia a noção de tempo e espaço, aprende a ter respeito às regras, estimula, também, o desenvolvimento da motricidade, fator fundamental para o desenvolvimento da criança. Freire (2009), também, destaca a importância de ensinar os conteúdos a partir de jogos porque facilita o aprendizado da criança, mas é claro que não o jogo qualquer, há por trás uma relação pedagógica com objetivos e finalidades.

Os jogos e brincadeiras são extremamente importantes para o processo de desenvolvimento da criança, abrange vários aspectos, desde as aprendizagens motoras, assim como, também é importante para a aquisição de saberes e valores, socialização, portanto, é uma ferramenta pedagógica de fundamental importância para a construção do conhecimento e formação do sujeito.

Além disso, é um elemento que potencializa o uso do lúdico nas aulas com metodologias diferentes para desenvolver no aluno a socialização, interação, respeito às diferenças e possibilita a inclusão de todos no processo de ensino/aprendizagem. É considerável que o professor sempre esteja se atualizando implementando métodos e metodologias a fim de resolver os problemas atuais com intuito de promover transformações sociais.

O professor de Educação Física deve ter consciência da sua importância para aquisição de conhecimento no processo de ensino/aprendizagem das crianças e relevância na transformação social do indivíduo. Reconhecer seu lugar de agente transformador no ambiente educacional. A Educação Física é uma disciplina essencial para sociedade e é, na escola, que professor tem a chance de promover essa transformação a partir dos muros do ambiente escolar. Assim, é uma ponte com um

caminho longo cheio de possibilidades e o professor tem o papel de mediador para instruí-los a passar por esse processo adquirindo aprendizagens enriquecedoras para a formação de um cidadão melhor com valores como respeito, sem preconceito e, por fim, cidadão que não discrimina o outro por ser diferente.

O professor deve incrementar suas aulas, diversificar seu currículo e conteúdos, proporcionar experiências de ensino que aumentem a inibição de preconceitos pelas diferenças em todos os aspectos e questões, o que contribui para diminuição da discriminação, que ocorre, quando uma pessoa recebe um tratamento injusto devido a características específicas. Assim, é preciso experiências de ensino para a formação de indivíduos mais tolerantes e que tenham respeito às diferenças das pessoas, o que estrutura ainda mais conteúdos para um melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Assim, os jogos e brincadeiras são uma temática de ensino pautado na Base Nacional Comum Curricular e possibilita a criação de atividades que proporcionam a interação social para a aquisição de alguns ou determinados conhecimentos. Segundo a BNCC, os jogos e brincadeiras possibilitam ensinar para o aluno formas de conviver em diferentes contextos, ambientes socioculturais e, também, valores.

Desta maneira, é importante oportunizar aulas que resgatem o lúdico, possam estimular o brincar, pois, segundo Pellegrine (2007), o lúdico viabiliza a socialização, importante para a construção dos saberes e desenvolvimento da criança, por ser uma temática ideal para proporcionar aulas sem a exclusão dos menos habilidosos e sem a inferiorização do outro, por apresentar alguma diferença biológica por sexo e demais características.

Segundo a BNCC, os jogos e brincadeiras, na etapa da Educação Infantil, propõem experiências e aprofundam conhecimentos para a criança conhecer mais sobre sua comunidade e a si mesma e, também, diferentes contextos socioculturais para desenvolver o respeito às diferenças.

Os jogos e brincadeiras devem ser aplicados na escola com caráter lúdico e inclusivo para que os alunos participem independentemente da idade e sexo, pois, essa ferramenta de ensino não deve ser trabalhada somente com o objetivo de ensinar habilidades motoras, mas também, subsidiar para a formação do sujeito para uma sociedade melhor, o que torna relevante o conteúdo aplicado proporcionando ao aluno desenvolver a socialização e afetividade.

Esta pesquisa se justifica por enfatizar a importância dos jogos e brincadeiras no ambiente escolar que visem a atividades para a participação de todos a fim da construção de uma educação de qualidade. Segundo Santos e Pereira (2019), os Jogos e brincadeiras são atividades que fazem parte da essência da criança, desta forma, é importante trabalhar com conteúdos mais atraentes de modo que conhecimentos e aprendizagens sejam adquiridos no processo de ensino aprendizagem, facilitando o desenvolvimento de competências como socialização e participação de todos, sem exclusão e discriminação por diferença de sexo.

É importante a introdução de atividades, a partir dos jogos e brincadeira, que viabilizem o desenvolvimento da socialização dos alunos, contribua para o respeito às diferenças, estimulem a interação e afetividade para que enxerguem as diferenças com positividade e não algo que cause repulsa ou negação.

Esta pesquisa visa contribuir no viés técnico para utilização dos jogos e brincadeiras como uma ferramenta pedagógica para além dos ensinamentos motores, potencializando as competências de aprendizagens como socialização, interação e afetividade para o desenvolvimento da construção de uma sociedade melhor a fim de “sanar” preconceitos e discriminação nas aulas independente das diferenças de sexo. No campo científico, esta pesquisa visa contribuir para discussão de métodos e conteúdos que busquem desmistificar a separação por sexo nas aulas de Educação Física para melhor atuação do profissional frente aos problemas sociais através da escola utilizando referenciais teóricos e revisões bibliográficas.

No campo social, esta pesquisa visa proporcionar reflexão sobre o currículo escolar e o impacto dele para construção da sociedade ao fazer os discentes terem consciência e responsabilidade na implementação de conteúdos e métodos de ensino da Educação Física com subsídios para formação de indivíduos mais tolerantes e empáticos para melhor convívio em sociedade. Tonet (2006), destaca a implementação de atividades que incentivem a participação do sujeito nas lutas sociais, contribuindo para a transformação da sociedade, mas para que haja essa transformação, é preciso que se tornem reais e, para isso, é necessário colocá-las em prática.

No contexto escolar na Educação Física, é notória a existência da separação por sexo no decorrer das aulas, muitas vezes, é imposta pela gestão escolar em concordância com os pais atribuindo esses requisitos ao currículo escolar. Em outras instituições, a separação por sexo ocorre de maneira automática e é imperceptível

aos olhos “leigos”, ou em outras palavras, é algo socialmente construído que ocorre de forma natural.

Assim, os alunos vivenciam experiências corporais diferentes, a partir das diferenças de sexo no decorrer das aulas. Diante do processo de ensino e aprendizagem e seleção dos conteúdos e metodologias, os alunos participam das atividades de acordo com suas diferenças biológicas. Para Freire (2009), a permanência de aulas com a separação por sexo só contribuirá para a formação de uma sociedade, preconceituosa consistindo numa Educação para a discriminação e, por fim, potencializa a implementação de metodologias para a formação de indivíduos autoritários que se sintam superiores por privilégios que foram lhes dado, consiste na inferiorização do sexo oposto. Diante desses apontamentos, como os jogos e brincadeiras pode contribuir para metodologias no convívio social com a finalidade de desmistificar a separação por sexo potencializando a socialização e interação?

Esta pesquisa tem o intuito de compreender os jogos e brincadeiras como uma ferramenta de fundamental importância para o ensino da Educação Física, além de seus benefícios para aquisição das habilidades motoras reconhecendo, também, as múltiplas funcionalidades e objetivos que podem ser atribuídas à prática de atividades lúdicas dos jogos e brincadeiras, a partir de um planejamento e construção de atividades que visem a transformação social para promover uma educação de qualidade desmitificando a separação por sexo nas aulas de Educação Física.

É na escola que as crianças se deparam com pessoas e culturas diferentes. É importante que a criança aprenda a conviver com as diferenças. Segundo Santos e Pereira (2019), os jogos e brincadeiras podem ser considerados um enfoque didático quando utilizado na sala de aula, pois causa motivação e podem ser feitas adaptações e adequações para propriedade do conhecimento. Brougère (1998), enfatiza que os jogos e brincadeiras não são propriamente educativos, mas com uso de metodologias necessárias para a aquisição de aprendizagem pode tornar-se.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Relação da História da Educação Física e a Separação dos Alunos por Sexo

Para entender melhor a separação por sexo, especificamente, nas aulas de Educação física até os dias de hoje, é aconselhável aprofundarmos um pouco na história da educação física e educação física escolar para, então, compreender o porquê ainda existem aulas com essa fragmentação dos alunos e identificar pontos na história que potencializam a separação por sexo em algumas escolas, o que contribuiu para a construção de identidade profissional de alguns profissionais de Educação física, que infelizmente apoiam e preferem aulas com a separação por sexo. É interessante buscar entender as questões que envolvem e potencializam o desenvolvimento das aulas dessa maneira.

Castellani Filho (1988), enfatiza que a Educação Física é como se fosse um personagem que passou por diversos períodos e representou muitos papéis, durante momentos históricos, para suprir as necessidades do país, mas com isso a Educação Física sofreu muitas influências.

Também descrito por Guimarães *et al.* (2001), a Educação Física, ao longo dos anos, vem sendo utilizada como instrumento ideológico e de manipulação, esteve ligada às instituições médica e militares. Esses vínculos definiram a concepção da Educação Física, a sua finalidade e como poderia ser ensinada. Seguindo este viés, a Educação Física direcionava-se à educação do corpo com a finalidade da obtenção do corpo e físico saudável.

Diante desse argumento, de forma direta e indireta, de acordo com o processo histórico, a Educação Física era utilizada como uma ferramenta, como uma peça na engrenagem para ser usada a favor dos interesses da sociedade, ou seja, utilizada para atender uma autoridade maior e as necessidades do país, de acordo com a época.

Vamos entender a função da Educação Física durante esses períodos, qual era a influência da Educação Física durante cada período. Dessa forma, vamos entender o que foi a Educação Física, a partir das divisões da Educação Física. Segundo Pereira e Moulin (2006), até o ano de 1930, a Educação Física era vista como algo necessário para a saúde, para a assepsia da sociedade e saneamento

básico, com a finalidade de alcançar uma sociedade livre de doenças através da Educação física escolar, por isso, nessa época, era denominada como Educação física higienista.

Após 1930, até o ano de 1945, a Educação Física já tinha outro viés, agora era denominada educação física militarista, seguindo essa lógica, tinha a finalidade de formar indivíduos obedientes e adestrados, mas na verdade, o objetivo maior por trás, além desses, era o “aperfeiçoamento da raça”, bem preconceituoso por sinal, além disso, tinha o intuito de forjar máquinas humanas, ou seja, formar corpos obedientes, o que acontecia era o adestramentos dos corpos para as batalhas para defender o país em casos de guerra, através do desporto.

Oliveira (2004) enfatiza que, diante de um regime autoritário, a Educação física era introduzida na perspectiva de controle social. Nessa época, os professores vestem a capa do moralismo a fim de censurar o modernismo, a industrialização e as mazelas da juventude, concluindo que a Educação Física era confundida com a formação moral.

Já por volta de 1945, até o ano de 1964, a Educação Física já tinha outra roupagem, agora com uma vertente pedagoga com o objetivo de introduzir disciplina de Educação Física com mais excelência na escola. A principal finalidade da Educação Física, nessa época, era trabalhar com as temáticas ginástica, dança e desportos para ensinar aos alunos regras democráticas de convívio, para que as novas gerações aprendessem a conviver em sociedade, a partir dessas temáticas de ensino (PEREIRA; MOULIN, 2006).

Ghiraldelli Júnior (1991) apud Guimarães *et al.* (2001), enfatiza que a Educação Física pedagógica surge com o discurso de ampliar a visão da sociedade para encará-la não somente como uma prática capaz de promover saúde e disciplinar a juventude, mas torná-la um componente curricular, uma prática iminente e educativa.

Em 1964, com o surgimento do militarismo, a Educação Física tinha o papel de educar o corpo com intuito de prepará-los para as guerras a partir de aulas com exercícios repetitivos e mecânicos. Para isso, era preciso indivíduos perfeitos e fortes, tais característica tiraram de cena a participação das mulheres, já que eram tidas como seres frágeis e inferiores de acordo com os argumentos biológicos (ZUZZI; KNIJNIK, 2010 apud CARVALHO; CORREIA 2020).

Em Almeida (2014), encontramos que a ideologia higienista excluía as mulheres e possuía apoio da medicina da época ao alegar que as mulheres

praticantes de atividades de contato poderiam ter problemas futuros, durante gestações ou ter sua feminilidade posta à prova

Oliveira (2004) pontua que foi basicamente, nesse período, que o debate sobre a esportivização da Educação Física ganhou força e passa a ser vista como único meio para o esporte e vice e versa. Em algumas épocas, ela ficou reduzida somente a determinados esportes específicos.

Segundo Pereira e Moulin (2006), no ano de 1964, a Educação Física Competitiva ganhou força, mas, nessa vertente, fazia parte de um projeto que enfatizava o treinamento desportivo especificamente para o esporte de alto nível.

Após a segunda guerra mundial, surge, então, a Educação Física popular com o objetivo da construção de uma sociedade mais democrática. Para isso, a Educação Física tinha a função de trabalhar com ludicidade, solidariedade, organização e mobilizar a classe de trabalhadores nessa perspectiva, surge a partir das reivindicações dos partidos populares.

Em cada época, a Educação Física teve uma função e objetivo específico para cada período diante das estruturas. Oliveira (2004) faz uma indagação muito interessante, o que os sujeitos têm feito com o que o sistema, a sociedade e as estruturas fazem dos sujeitos? Será que foram alienados e induzidos ou se reinventaram na medida do possível dentro de uma liberdade relativa, talvez, muitos durante períodos de autoritarismo, não tinham a opção de ser um ou outro, simplesmente queriam ser professores. Muitos casos deixavam de ser manipulados, já em outros, até ocorriam desafios, ou seja, militantes.

Oliveira (2004) enfatiza que o esporte foi referência constante nas aulas de Educação Física, ou seja, era reduzida a prática esportiva. Neste mesmo parágrafo, autor faz uma indagação, por que os professores de Educação Física deixaram que sua disciplina fosse reduzida a somente a esportivização, durante longos períodos na história, limitando as possibilidades de conhecimento dentro da disciplina? São várias questões que envolvem essa resposta. Primeiro, que naquela época prevalecia muito o autoritarismo, talvez algumas atitudes e militância poderiam interferir de maneiras negativas na vida profissional e pessoal do professor. Segundo a ação do professor sobre tal repreensão não era por falta de consciência das limitações atribuída a Educação Física, mas acabam que induzidos a fazer e reproduzir o que lhes eram ordenados.

Diante disso, a Educação Física foi reduzida à prática esportiva, nessa perspectiva, as aulas eram extremamente excludentes, pois ocorriam ali seleção dos mais habilidosos em relação a velocidade e força, literalmente ligadas à masculinidade. Seguindo essa lógica de pensamento, Devide *et al.* (2011) argumenta que, por muito tempo, as mulheres foram excluídas da Educação Física e, também, do esporte com os argumentos biologicistas utilizados para justificar quaisquer ausência das mulheres no esporte e dentro de outros campos onde tinha uma maior concentração de hegemonia.

A força corporal, dentre outros argumentos, foi justificativa para explicar a superioridade de homens sobre as mulheres, como também, as diferenças anatômicas. As mulheres, por terem o formato da bacia diferente dos homens, tiveram seus destinos predestinados somente a maternidade, enfatiza Meyer (2004).

Segundo Uchoga e Altmann (2016), a princípio, a força física e agressividade eram características da masculinidade atribuídas a atletas homens, porém, a fisicalidade não é algo inerente do homem, porém, mulheres, que demonstram essa fisicalidade, a sua sexualidade é questionada.

Por que ao longo da história da Educação Física e Educação Física escolar, nas aulas, prevaleceu a separação por sexo. Isso se deu por questões sociais. A sociedade em si, muitas vezes, vem induzindo atitudes, escolhas e hábitos comportamentais atrelados ao sexo, que, por muito tempo, impôs o que é coisa de menina? E o que é coisa de menino? Foram imposições que interferiram bastante nas limitações em relação às capacidades e habilidades, de acordo com o sexo que não interfere nas capacidades e habilidades não da execução das práticas corporais em geral, porém, é algo enraizado por anos e devido às questões culturais na sociedade só potencializou esse pensamento.

No que diz respeito às questões sociais e culturais, é que meninos e meninas desde cedo, são expostos a experiências corporais diferentes, em relação à amplitude de possibilidades corporais, atitudes e comportamentos. Ou seja, ao longo dos anos, os homens tiveram muito mais oportunidades, apoio e visibilidade. As relações de poder dão ênfase ao sexo masculino de maneira geral na sociedade (GOELLNER, 2005).

Isso não ocorre porque mulheres não têm capacidades e habilidades para ocupar cargos de liderança e estão presentes no esporte, mas sim, porque, muitas vezes, faltaram-lhes oportunidades, ponte de apoio, visibilidade e, principalmente,

uma questão cultural e social indireta e diretamente. Para Vianna e Finco (2009), as limitações frente às meninas e meninos, em relação ao gênero, são demarcações de fronteiras sobre controle de corpos de crianças, em seus comportamentos, características físicas, gestos. O mesmo autor pontua que, por mais que haja essa opressão de controle de corpos, meninas e meninos têm resistido aos padrões, às normas de gênero.

Ao longo dos anos, a Educação Física adotou modelos de aulas com separação por sexo, que foi potencializada por questões de gênero, ou seja, sexo, centrada nos estereótipos de funções sociais, que limitam indivíduos e seus corpos perante a sociedade.

Uchoga e Altmann (2016), em um estudo, identificaram que, por mais que meninas tivessem o mesmo nível de aprendizagem motoras em relação aos meninos, durante as atividades realizadas, os meninos na maior parte das aulas assumiram posições de liderança, durante as atividades diante de cada temática proposta. Os meninos tinham uma participação mais ativa, sobressaiam-se em relação às meninas. Isso ocorria não porque os meninos possuem mais habilidades do que as meninas, com certeza não, até porque a execução dos movimentos, durante as atividades, realizavam no mesmo nível, porém acreditavam que deixando os meninos realizá-los ou executá-los tal movimento durante a atividade, a equipe poderiam pontuar mais.

As formas de ser e agir, nas aulas de Educação Física, de meninos e meninas restringem o movimento corporal em virtude dos supostos padrões da masculinidade hegemônica e feminilidade almejada e, assim, são parados e proibidos de expressar a corporalidade por medo das rotulações. Toda essa diversidade poderia ser motivo de se unificar, mas mediante estereótipos e preconceitos ligado ao masculino e feminino, torna-se tão comum numa proporção, que aquilo que deveria ser questionado ou até mesmo minimizado, fica uma situação natural e, neste caso, a Educação Física não leva em consideração a diversidade da corporeidade humana (ZUZZI; KNIJNIK, 2010 apud CARVALHO; CORREIA 2020).

Acreditava-se em que, por ser meninos, seriam melhores a execução dos movimentos por eles, durante as atividades. No estudo de Uchoga e Altmann (2016), perceberam que existe um sentimento de insegurança, impotência, um grito dentro delas dizendo não são habilidosas o suficiente para tal atividade. Até mesmo as temáticas denominadas para mulheres por terem mais familiaridade perante um

contexto cultural e social, as meninas não mostravam participação ativa diferentes dos meninos.

Dessa forma Carvalho e Correia (2020), enfatizam que os professores devem sempre prestar atenção nas metodologias e didáticas utilizadas nas aulas para que não venham ser formas de um gênero sobrepor-se ao outro durante as aulas. Estarem atentos para dispor de uma aula que dê possibilidades para todos, não importa qual seja o gênero, questionar-se sobre imposição do ser homem e mulher de uma forma fixa e rígida.

Neste caso, a não participação ativa das meninas não era devido ao conteúdo, por que ao serem expostas a diferentes situações reações semelhantes tanto no conteúdo esportivo coletivo e, também, no conteúdo ginástico. Eram experiências novas para ambos os sexos, porém, as meninas realizavam movimentos reprimidos e tímidos. Segundo Uchoga e Altmann (2016), isso se dava pela falta de segurança nas habilidades e confiança ao realizar os movimentos por parte das meninas, que, muitas vezes, essas inseguranças eram potencializadas por parte da direção escolar e pela família, agarram-se a argumentos biológicos distorcidos e questões de gênero com estereótipos.

Mas durante todo o processo histórico da Educação Física escolar, meninos e meninas realizaram atividades não vivenciadas, sem que haja um olhar de preconceito, discriminação e desigualdade (CARVALHO; CORREIA, 2020).

Silva e Correia (2020), argumenta que a Educação Física brasileira historicamente sempre operou de maneira excludente e sexista no desenvolvimento das práticas corporais delimitadas.

A Educação Física escolar adotou modelos de aulas com separação por sexo em alguns períodos da Educação Física e ganhou forte influência para que as aulas atualmente sigam esses modelos, seja direta e indiretamente. Mas não é a Educação Física em si, não é algo que nasceu propriamente dito da disciplina Educação Física, há por trás diversas questões. Uma delas é um o argumento biológico em relação às características diferentes entre os sexos. Esses argumentos deram forças para potencializar a separação por sexo. Trata-se de uma questão social que limita os sujeitos quanto às suas funções sociais e seus destinos, potencializa, também, as questões culturais mediante estereótipos que só ganharam força por muito tempo e até os dias de hoje.

Segundo Carvalho e Correia (2020), a Educação Física foi marcada pelo militarismo, higienismo e, conseqüentemente, isso ajudou a dar origem ao gênero na cultura e na sociedade. Acredita-se que foi, a partir disso, que surge idealização do que é aceito por cada sexo. Esse processo ficou ainda mais evidente no processo educativo.

Intensifica-se nas aulas de Educação Física e, principalmente, no espaço escolar a separação por sexo. O processo educativo distinto de meninos e meninas recebem ensinamentos diferenciados. Em algumas instituições, prevalece o que corrobora para a desigualdade que foi construída historicamente (CASTELALLANE FILHO, 2003).

2.2 Aulas Mistas ou Aulas Separadas na Educação Física Escolar

Talvez não tem como saber quando de fato ocorreu a separação por sexo nas aulas de educação física e não é um dos objetivos descrever essas informações, com data exata, mas tentar justificar o processo no decorrer dos anos, que levou a separação entre meninas e meninos e pontuar os processos e momentos a fim de justificar essa segmentação.

Nos dias de hoje, poderíamos dizer que seria uma raridade nos deparamos com modelos de aulas onde existam a separação por sexo. Devido às críticas lançadas, mas a edificação de separação por sexo é algo que perpetua a nossa sociedade até os dias de hoje e permanece forte. São questões enraizadas perante a nossa sociedade e permeiam as relações de ensino. Segundo Rogoff (2005), são questões que interferem no comportamento de meninas e meninos na sociedade, impondo o modo de ser e agir com estereótipo a longa data.

Segundo Dornelles e Fraga (2009), o decreto de nº 69.450², de 1 de novembro de 1971, regulamenta a sistematização das aulas de Educação Física na Educação e fala sobre a composição das turmas. A orientação é que as turmas tenham 50 alunos do mesmo sexo. Neste decreto, fica claro que as aulas, neste período, deveriam ocorrer com turmas separadas por sexo.

Desta forma, o decreto de nº 69.450, de 1 de novembro de 1971, legitimava a separação por sexo na Educação Física escolar, ficando claro de maneira visível que

as turmas compostas por no máximo 50 alunos deveriam ser do mesmo sexo (LOUZADA, 2007).

As orientações, pautadas neste decreto, foram seguidas por vinte e cinco anos, até ser substituída pela lei de diretrizes e bases da Educação, lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a partir deste ano, passou a regulamentar a Educação no país (SOUSA; 1997).

Após a substituição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as orientações sobre a composição das turmas foram modificadas, não de maneira clara, mas nos documentos Educacionais como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e Lei e Diretrizes e Bases da Educação (LDB) orienta que as aulas ocorram de maneira mista.

Atualmente, a disciplina de Educação Física segue as orientações da lei de diretrizes e bases da Educação. Nagel (2012) enfatiza que a LDB não tem nenhuma orientação para que as aulas ocorram de forma separada por meninos e meninas, ao contrário disso, sugere que as aulas aconteçam de maneira mista, tornando-se melhor abordar discussões sobre diferenças.

Darido *et al.* (2001) enfatiza que o professor que apoia a inclusão, estimula, apoia e valoriza o aluno independente de etnia, sexo, classe social, língua falada, opinião política e social, possibilita discussões aos alunos sobre preconceito e discriminação. O professor deve apoiar-se nas diferenças e criar estratégias de ensino/aprendizagens de respeito às diferenças. Desta maneira, é importante que o professor valorize e tenha encantamento em modelos de aulas que estimulem o respeito às diferenças, pois, o professor tem um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem para criar estratégias de ensino.

Nos parâmetros Curriculares nacionais, há indicações para valoração de aulas mistas, enfatizam a importância de que as aulas de Educação Física ocorram de forma mista, desta forma, torna-se mais fácil trabalhar com questões e discussões sobre o respeito às diferenças, abordar sobre gênero e educar para o respeito e, também educar para desconstrução do preconceito (DORNELLES; FRAGA, 2009).

Nos documentos legais da Educação, não há nenhuma lei que defenda a separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Segundo Dornelles e Fraga (2009) por mais que não haja menção ou falas sobre a separação entre meninas e meninos nas aulas de Educação, não quer dizer que não aconteça essa prática nas aulas.

Em conformidade com o argumento anterior, nas aulas de Educação Física, em algumas escolas, ainda ocorre a separação por sexo, diferente das demais disciplinas onde os alunos desenvolvem as atividades todos juntos, sem essa segmentação entre os alunos. Porém, em algumas escolas, as aulas de Educação Física são realizadas no horário oposto e meninos e meninas participam das aulas em horários diferentes para que os alunos do mesmo sexo não estejam juntos no mesmo espaço. Porém, nas outras disciplinas os alunos estudam e desenvolvem até trabalhos juntos, sem que haja essa separação por sexo.

A disciplina de Educação Física sofreu muitas mudanças até os dias atuais. Mas desde muito tempo, homens e mulheres foram estimulados a atividades diferentes, os homens desenvolviam atividades desafiadoras que exigiam força e coragem; já as mulheres, eram estimuladas a desenvolver atividades “leves”, realizavam atividades que não exigiam tanto a força bruta, para que não prejudicasse a função de reprodução, as mulheres eram vistas como seres frágeis (NAGEL, 2012). Louzada (2007) salienta que, na história da Educação Física no Brasil, o tratamento entre meninos e meninas nas aulas é notório que era variável.

A forma de organização e estrutura de uma sociedade pode influenciar nos modelos governamentais educacionais com determinações de sistematização de modelos de aulas. A construção social e cultural pode influenciar fortemente nos currículos educacionais.

Desta maneira, para reforçar este argumento, Soares (1994) citado por Louzada (2007), enfatiza que em 1882 após a reforma do ensino primário, foram sugeridas que meninas e meninos tivessem atividades diferenciadas, posteriormente, após a segunda guerra mundial, quando o método desportista generalizado, começou a ganhar força na escola, foi recomendada a segmentação a tal separação de meninas e meninos das aulas Educação Física para melhor aproveitamento das aulas, pois o objetivo era o rendimento e aptidão física.

No entanto, após a substituição da LDB, foram feitas outras orientações. Essas poucas modificações e orientações foi um processo muito complicado, não foi nada fácil e longe de ser pacífico, que se iniciou nos anos 90 (DORNELLES; FRAGA, 2009). Nos documentos legais da Educação, não há nenhuma especificação sobre as aulas ocorrerem com separação entre meninas e meninos, na composição das turmas, apenas orientações para serem mistas.

Por mais que haja orientações para que as aulas ocorrem de maneira mista, não significa que não ocorram mais com a separação por sexo, existem ainda escolas que optam por continuar com turmas separadas nas aulas de Educação Física, portanto, a composição separada por sexo ainda existe.

Sabe-se que os documentos legais orientam que as aulas sejam realizadas de maneira mista, pois não há nenhum documento educacional que proíba de fato que não haja mais turmas separadas por sexo nas aulas de Educação Física, não tem nenhuma lei que assegure isso, o que há nos documentos legais atuais são orientações sobre a composições de aulas mistas e a importância de optarem por essa composição, pois possibilita o educar para o respeito às diferenças.

Existem argumentos baseados na biologia que tentam justificar, segundo Santos *et al.* (2007), que alicerçam a ideia de que entre 7-12 os grupos musculares em meninos têm um ganho de força maior do que em meninas.

Esse argumento é um tanto errôneo não pela sua veracidade, mas por usarem este tipo de argumento para justificar a separação por sexo nas aulas de Educação Física, haja vista que, dentro desse mesmo argumento, afirma-se que as meninas mantêm seus grupos musculares sem nenhuma invalidez, permanece em pleno vigor, porém os meninos no início da puberdade o aumento de força se sobrepõe em relação às meninas, em determinados grupos musculares.

Porém, por mais tenham diferenças nas funções fisiologicamente entre meninos e meninas, nenhum e nem outro sexo é menos merecedor de ter o direito para usufruir das mesmas oportunidades e possibilidades de atividades no contexto escolar. Uchoga e Altmann (2016), vem salientar que a separação por sexo ocorre e é justificada pela possibilidade de movimentos do corpo, que difere entre meninas e meninos. Mas ao longo dos anos, essa concepção de aulas por separação de sexo foi sendo inibida das aulas, foi mudando essa concepção.

Dessa forma, é importante tentar compreender os processos que justificam essa separação, o que difere homens e mulheres (meninas e meninos) e o porquê essas diferenças interferem nas aulas de Educação Física e dá força que contribua para essa separação. Fernando de Azevedo (1960) argumenta que as diferenças naturais entre homem e mulher são um dos pontos consideráveis na educação e, principalmente, na Educação Física. Diante dessas diferenças naturais, são diferenças que foram utilizadas como discursos para argumentar papéis sociais. Dornelles (2007) enfatiza que esse discurso vem sendo construído a partir de uma

perspectiva religiosa e biológica. São discursos que vem determinando e justificando os papéis do sujeito e suas possibilidades e impossibilidades como indivíduo, ou seja, como se fosse uma limitação do ser e agir. Dornelles (2017), ainda argumenta que a perspectiva biológica determina os limites de práticas e movimento corporais, os limites e possibilidades do corpo entre homens e mulheres.

Este argumento é explicado diante do grau dos benefícios dos exercícios físico atribuído a homens e mulheres, que se justifica a partir da ideia de proporcionar exercícios, de acordo com as possibilidades e limites condizente conforme o corpo de menino e menina, atribuindo esses pontos citados como características que interferem no aproveitamento da execução dos exercícios. Dornelles (2007), enfatiza que a separação entre menina e menino nas aulas de Educação Física é algo que está intrinsecamente ligado à função social, que é denominada como própria e “naturais” dos sujeitos, como se existissem funções estabelecidas de acordo com o sexo do sujeito.

A Educação Física, disciplina responsável pelo corpo na escola, era atribuída à função de separar os corpos para seus distintos destinos. Ou seja, a Educação Física nada mais era que somente uma ferramenta pedagógica para realizar essa separação de corpos, de acordo com as funções sociais de maneira maquiada, uma peça de engrenagem que sustentava o discurso religioso e biológico. Dornelles (2007), ainda argumenta que a escola, através da Educação física, ensinava meninos a serem homens e as meninas a serem mulheres representadas por modelos hegemônicos, de acordo com gênero e sexualidade dentre outros. Foi uma maneira de manipular e alienar sujeitos a papéis supostamente naturais e próprios do sujeito de adiante do seu sexo.

Mas, além desse argumento, existem outros pontos que justificam essa separação por sexo, atrelado a função social do sujeito. Pois, a sociedade, por muitos anos, vem impondo característica de ser do sujeito de acordo com sexo, categorizando o que é coisa de menino e o que é coisa de menina, moldando-os através de uma espécie de idealização, que oprime e limita meninos e meninas a serem e fazerem o que desejam.

Em relação às turmas, seriam selecionadas por nível de aptidão física. É uma educação física extremamente seletiva excludente e preconceituosa. Louzada e Devide (2004) em um estudo, pode identificar alunos que defendem a proposta de aulas com a separação por sexo, as meninas alegam que meninos são brutos e as

discriminam; já os meninos dizem que as aulas separadas acontecem com mais intensidade. Mas se forem analisados esses argumentos, partem de uma Educação que vem oportunizando aulas que potencializam a discriminação das diferenças, do ser diferente, fortificando o preconceito.

Em um estudo feito por Louzada (2007), durante análise da pesquisa, pode perceber que se as aulas vão ocorrer com separação ou não isso depende dos objetivos das aulas. Quando o objetivo é o rendimento esportivo, os docentes optam pela separação da turma, mas quando o objetivo principal não está atrelado somente a isso, em sua maioria, optam por aulas mistas, argumentando que quando o conteúdo é esportivo de contato é possível sim de trabalhar com a turma mista se o objetivo não for rendimento esportivo.

Outro ponto, frente a análise de Louzada, são as falas dos professores que nas aulas mistas as meninas são discriminadas, outra coisa é a diferença de agilidade, força e habilidade que favorece os meninos em aulas de confronto entre meninos e meninas, outro ponto é que as meninas acabam auto excluindo-se. Outro argumento que justifica a separação, por alguns professores, é a habilidade motora. Alegam que meninos são mais habilidosos e que não precisam ser ensinados, já vem prontos. São categorizações ligadas aos estereótipos. Acaba que a discriminação vem por parte dos colegas da turma durante as atividades e por parte dos professores.

Alicerçadas nesses estereótipos, as meninas vem se agarrando em reservas, e segundo Deive (2005), reservas médicas, alegando tem corpo frágil; reservas psicológicas, alegando que não suporta; estresse; reserva de que a prática de modalidade esportiva pode deixá-las masculinizadas. São reservas com estereótipos que, ao longo dos anos, potencializou a discriminação nas aulas de Educação física e que se perpetua na vida adulta na sociedade porque se formos fazer uma análise na Educação escolar meninos e meninas tiveram tratamento separados e diferentes. A educação do menino era direcionada a um corpo masculino forte e viril; as meninas eram educadas e direcionadas a fazer exercícios ginásticos de respiração, flexão e outros com finalidade de ter corpos femininos delicados e graciosos. As aulas ocorriam em espaços separados e até a cor da roupa eram de cor diferentes enfatiza (DORNELLES, 2007).

É notório que, quando objetivo da aula é socialização da turma e debate referente a discriminação dentre outros objetivos que não seja o rendimento esportivo, o professor opta por aulas mistas. A partir dessa análise, percebe-se que

essa separação é algo muito mais ligada a esportivização, há algo que está injetado na educação física com intuito que permaneça e potencialize essa dicotomia de funções e destinos pré-estabelecidos de acordo com sujeito e seu sexo.

Essa separação acaba sendo uma discriminação, algo desrespeitoso que há nas instituições e na sociedade em geral, que rege a favor de uma educação limitante do sujeito e suas capacidades. É algo que vai muito além desse argumento é claro, tem outras questões intrínsecas. São vários os fatores que tem potencializado que aulas de educação física com separação por sexo e vamos entender melhor e tentar desmitificar, ao longo dos demais capítulos.

2.3 Gênero e Sexo

Os seres humanos, antes mesmo do seu nascimento, são classificados como menino ou menina, de acordo com o órgão genital de formação e nascimento. Os organismos dos seres humanos são diferentes na funcionalidade e estrutura de acordo com o sexo, neste caso, o órgão genital de nascimento. O termo sexo é associado às diferenças biológicas de nascimento. Gilbert, Hallet e Elldridge (1994), citados por Nogueira (2001) ao classificar o indivíduo de acordo com a anatomia humana utiliza-se do termo sexo, mas ao se referir a gênero tem a ver com o papel social o gênero passou a ser uma entidade moral, cultural e política, ou seja, gênero faz parte da construção ideológica, diferente do sexo, que classifica especificamente pela diferença anatômica (OLIVEIRA; KNÖNER, 2005 apud PRAUN, 2011)

Moore Henritta (1997), enfatiza que as diferenças biológicas de sexo não deveriam ser uma base universal para as definições sociais. O determinismo biológico fez e faz até hoje definição dos destinos de sujeitos devido às características biológicas e demais características em geral. São fatos que contribuem para explicar a separação por sexo nas aulas, porque são várias questões realmente que envolvem a separação por sexo e gênero. Após a ampliação de sexo e gênero da DSM diante dos aspectos biológicos e de reprodução, o termo sexo refere-se tanto ao masculino e feminino e gênero refere-se ao papel social do indivíduo menina, menino, homem e mulher, muitas vezes, atrelado ao sexo de nascimento. Contudo, a partir dessa

premissa, o indivíduo é considerado homem ou mulher de acordo com os cromossomos presentes em suas genitálias.

A partir do século XIX, os médicos sentiram a necessidade de definirem as diferenças biológicas, ratificando os destinos pré-definidos, a partir do sexo, dessa forma homens e mulheres são diferentes em suas características físicas, psicológicas e morais. A partir dessa premissa, diante das qualidades de cada sexo são atribuídas as funções sociais e determinada suas funções fisiológicas. Porém, as diferenças nas características entre os sexos já não era o suficiente para explicar atitudes concretas enfatiza Rohden (2001), ou seja, atualmente utilizam-se de argumentos como esses para explicar a desigualdade entre os gêneros, sem levar em consideração os privilégios atribuídos aos homens perante o contexto social. Assim, esses são argumentos que, muitas vezes, injustos, incoerentes e não condizem com a realidade.

Mas voltando a sexo e gênero e suas diferenças, gênero foi incluído no contexto social após a II Guerra mundial, através dos movimentos feministas. Esse movimento ganhou força na década de 60, a partir das desigualdades de poder entre o masculino e o feminino, as mulheres que faziam parte desse movimento diferenciavam-se das demais por estarem desenvolvendo atividades na sociedade, tida como atividades masculinas. Logo, os historiadores perceberam que as características comportamentais não estavam associadas ao sexo de nascimento, sendo assim, na década de 80, passaram a utilizarem o termo gênero ao invés de sexo, pois as diferenças entre homens e mulheres não dependia somente do sexo biológico (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014).

O que parece ser somente uma mudança de nomenclatura tem total relevância, devido às diferenças que tais nomenclaturas trazem, pois, o termo sexo vai em direção ao único e possível destino das diferenças naturais biológicas entre homens e mulheres com um único destino para as funções sociais e fisiológicas do ser humano.

A mudança na utilização do termo sexo para emprego do termo gênero contribui para observação das diferenças dos papéis sociais, pois, segundo os Spizzirri, Pereira, Abdo (2014), a partir Thomas Laqueur, historiador da medicina, publicou em 1992 o livro *“Making sex – body and gender from the greeks to Freud”*, o gênero constituía o sexo, foi por volta do século XVIII, que houve a necessidade de destacar as diferenças entre os sexos, pois, até então, só se falavam somente um sexo o masculino, neste caso, a mulher era considerada um homem incompleto.

Praun (2011), o termo gênero passou a ser uma classificação construída pela sociedade, a partir daí as distinções entre os sexos ganharam mais ênfase, que, até então, não era tão falada. A mulher, no contexto social, era muito vista apenas como coadjuvante em seu papel, excluídas de papel de destaque e, como profissional, não tinha o mesmo reconhecimento, ou seja, por mais que merecessem, eram negados os méritos e reconhecimentos das mulheres.

A desigualdade entre gênero é tão real que Rosemberg Fúlvia (2001) destaca, em um dos trechos de seu estudo, a necessidade de garantir o acesso a todas as etapas e níveis da Educação para as mulheres e meninas, assim como, é garantido aos homens. Para isso, é necessário derrubar algumas barreiras que impedem as meninas e mulheres de seguirem em frente, é preciso, também, eliminar os estereótipos de gênero.

De certa forma, a sociedade molda os indivíduos de acordo com as necessidades e o tipo de cidadão que querem para o futuro. Não é preciso pesquisar, para saber que meninos e meninas tiveram tratamentos e ensinamentos diferentes em razão das diferenças anatômicas, no modo de ser e agir, moldando as pessoas como se fossem árvores, limitando as ações e comportamento, a favor de um ideal de homem e um ideal de mulher. Não seguir esses certos padrões de comportamentos, faz o indivíduo ser excluído da sociedade e, até mesmo, considerado um indivíduo rebelde.

Durante o século XX, o nível de escolaridade dos homens era superior ao das mulheres, esse resultado não é em razão das diferenças biológicas, mas sim, devido às condições que a estrutura da sociedade possibilitou para as mulheres, ou seja, em quase todos os países tiveram barreiras gigantesca para enfrentar argumenta Beltrão e Alves (2009). Diante disso, pode-se afirmar que as mulheres tiveram que derrubar muitas barreiras para conquistar posições de poder e, até mesmo, direitos básicos de ir e vir. As mulheres nunca tiveram os mesmos privilégios que os homens, num processo de conquista a carga da mulher sempre foi mais pesada.

Criaram um ideal e também instituições que regem a favor de manter esse ideal na sociedade, dentro dessas circunstâncias ser um ponto fora da curva causa repulsa, talvez atualmente seja um pouco mais aceitável ou devido a opressão de sistema que limita os padrões de comportamento, fazia esconderem vários pontos fora curva.

Falar sobre gênero é complexo, pois através desse termo pode-se abrir um leque de discussões e confusões, também, pois, muitas vezes, é confundido com sexo e, até mesmo, confundido com sexualidade.

Para alguns estudiosos, o gênero, na verdade, passa ser uma forma de limitação, também, porque, em alguns estudos, é retratado como apenas um binarismo, que acaba se retratando ao homem e mulher, criando mais uma vez um ideal, neste caso, talvez era a ruptura desses estereótipos e limitações de características e personalidades que alguns estudiosos querem quebrar no que diz respeito ao estudo e uso do termo gênero.

Butler Judith (2014), argumenta que gênero faz parte de uma operação reguladora de poder, ou seja, o gênero acaba sendo um regime regular, disciplinar específico. Essa operação acaba fazendo parte de um binarismo tratando-se somente das diferenças do gênero homem e mulher, menina e menino, retratando a hegemonia e naturalização a fim de inibir as possibilidades de rompimento desses paradigmas.

Dessa maneira, quando gênero se baseia nas diferenças biológicas, torna-se um termo limitado, embora falar de gênero inclui falar, também, de sexo, porém não é por ele determinado excepcionalmente a sexualidade, não necessariamente. Por isso que gênero, antes mesmo de se expandir para outros contextos, foi necessário renovar seu significado.

O termo sexo refere-se ao masculino e feminino, homem e mulher, menina e menino. O termo gênero, especificamente, identidade de gênero, é uma categoria social, ou seja, é classificação do ser homem ou do ser mulher e claro outra categoria de identidade de gênero, assim como, outras ramificações do termo gênero, como por exemplo, transgênero e transexual (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014). Assim, sexo está associado às diferenças biológicas e gênero com o papel social do indivíduo, o termo classificatório relaciona-se com a identidade de gênero e essa classificação não é limitada.

O termo gênero vem sendo utilizado de maneira equivocada, porque é usado como sinônimo de sexo, porém, os estudos da ciência biologicista apontam as diferenças entre homem e mulher sem levar em consideração as questões de gênero (Devide *et al.*, 2011). Devido toda essa construção social ou cultural que envolve a fragmentação dos alunos por sexo, é comum nas aulas de Educação Física a separação por sexo, especificamente, nas aulas práticas; já em outras disciplinas, os alunos estão juntos produzindo as atividades normalmente, sem essa dicotomia de

separação do corpo e mente. Nas atividades cognitivas, os alunos estão juntos e, geralmente, somente nas ações físicas ocorre a separação por sexo.

A partir dessa explanação, é concludente que há, por trás, uma resistência culturalmente construída sobre os corpos que estão realizando atividades corporalmente juntos e fisicamente. Fausto - Sterling (1985) apud Moore Henrietta (1997), explica que a capacidade de um indivíduo vai depender da interação do ser biológico com o ambiente social e, a partir disso, é possível notar uma tríade, ou seja, para Fausto o biológico influencia o comportamento de alguma maneira e o comportamento pode modificar a fisiologia individual.

Freire (2009) diz que não existe nenhum argumento concreto que justifique a separação entre meninos e meninas nas aulas de educação física, apenas desculpas superficiais, por exemplo, meninos são mais fortes, ou que meninas não sabem jogar. São argumentos meramente frágeis, sem sustentação teórica e potencializam a esportivização da Educação Física, contribuindo para desigualdade de gênero, ou seja, entre homens e mulheres perante a sociedade. Porém, é evidente que não é esse o objetivo de a Educação Física escolar focar no desempenho e rendimento esportivo no espaço escolar.

Há uma relação culturalmente e socialmente construída em relação a essa fragmentação, que vem desde cedo da educação familiar. Uma explicação, para isso, é a relação de lojas venderem brinquedos separadamente em sessões, ou até mesmo lojas separadas por sexo. Porém Freire (2009), enfatiza que por mais que haja por trás da separação questões culturalmente construídas ao longo dos anos, manter aulas de com esse modelo de separação por sexo, só reforçará o preconceito que potencializa uma Educação para a discriminação.

Porém, como a separação por sexo é algo que vem sendo construído por anos culturalmente e socialmente, está intrínseco na sociedade. Muitas vezes, as crianças são ensinadas de casa, porque cada casa tem sua cultura, conduta de comportamento e hábitos e, na maioria os hábitos e culturas familiares, têm características específicas semelhantes entre as famílias, por mais que tenha diferenças, tem as semelhanças, que, por sua vez, tem a ver com hábitos e comportamento eminentes de uma comunidade local, seja de maneira regional ou mundial. No que diz respeito à separação por sexo, levando em consideração algumas comunidades, em sua maioria, categorizadas como base universal diante das diferenças biológicas, que foi outro ponto enfatizado nos parágrafos acima.

Essa fragmentação se instala na Educação, nas atividades escolares, influenciada por currículos escolares tradicionais, autoritários e interferem nas ações pedagógicas. Isso é algo que deve ser enfatizado, pois por mais que a sociedade viva uma era que descentraliza esse tipo de Educação e seja um dos principais focos, existem escolas que persistem e resistem a seguir currículos e modelos de ensino pautado em uma ideologia ainda tradicional. Mas a escola é e deve ser enxergada como um ambiente histórico e cultural, e dentro dela convive diariamente, diferentes identidades sexuais e de gênero, com isso, categorizado como um lugar propício e privilegiado para se educar (SILVA; PINHEIRO, 2018).

Diante disso, pensando em desmistificar modelos de ensino que preconizam a separação por sexo nas aulas de Educação Física que só contribui para uma educação para a discriminação e desigualdade de gênero, é que, em suas aulas, o professor de Educação Física deve pensar ferramentas pedagógicas que contribuam para a mudança e educação melhor para que, de fato, tragam contribuições para desenvolvimento e crescimento dos educandos, tanto nas funções psicomotoras quanto psicossociais.

São necessários conteúdos e temáticas de ensino, através da didática, em sala de aula, a fim de desmistificar e enfraquecer na prática e no dia a dia em sala de aula, questões e argumentos que, vem ao longo dos anos, potencializando a separação por sexo nas aulas de Educação Física e dando forças para opiniões e ponto de vista preconceituosos.

Muitos professores podem até questionar: quais temáticas eu irei utilizar nas minhas aulas para desmistificar e trazer modelos de aulas que não ocorra, separação por sexo? Provavelmente, daria para trabalhar com diversas temáticas, principalmente, as específicas da Educação Física, mas nesse trabalho é enfatizado principalmente, a temática brincadeiras e jogos, como uma ferramenta para desconstruir a separação por sexo.

Essa é uma das temáticas propostas na base nacional comum curricular, sugerida para se trabalhar nos anos iniciais principalmente (BRASIL, 2017). E já que a separação por sexo na maioria ocorre desde o ambiente familiar e se perdura na Educação desde a Educação infantil, por isso, é importante trabalhar com essa ferramenta que tem vantagens, no que diz respeito a amplitude de possibilidades para elaborar um conteúdo rico em aprendizagem e excelente para desmitificar a separação por sexo e gênero nas aulas de Educação Física, especificamente.

Em muitas escolas, a separação por sexo é evidente no currículo escolar, imposto pela gestão pedagógica e, até mesmo, pelos pais, quando não é imposto pelos os pais é apoiado por eles, ou simplesmente é algo que, por muitos anos, foi naturalizado e não causa inquietações. Porém, em outros casos, essa separação ocorre de maneira implícita, que não fica claro, mas é notório, dá para deduzir porque essa divisão das funções sociais pré-determinados na vida do indivíduo, de acordo com determinismo biológico, é algo tão engessado, intrínseco na sociedade que as separações por sexo perante as funções sociais acontecem de maneira “natural”, sem haver questionamentos, tornando mais difícil ainda a ruptura tradicionalista do rumo das coisas.

Silva e Pinheiro (2018) enfatizam que a Educação sexual, em algumas famílias, sempre existiu, porém de maneira omissa e reprimida, desde o nascimento da criança, os pais ditam o que é ou não proibido, separação de brinquedos e brincadeiras, por gênero dentro de suas casas, sendo direto separação por sexo. O mesmo autor enfatiza que é importante que pais e, principalmente, professores compreendam que brinquedo e brincadeiras não tem gênero. Os professores inconscientemente e de maneira preconceituosa, acabam realizando a Educação Sexual e perdurando a divisão de brinquedos e brincadeiras por gênero, pautado em sua formação de currículos tradicionalistas e argumentos enraizados.

2.4 Brincadeiras e Jogos

Brincadeiras e jogos são uma unidade temática proposta pela base comum curricular. Não é uma temática exclusiva da disciplina Educação Física. Logo, a BNCC (2017), propõe que as brincadeiras e jogos trabalhem com atividades dentro de certo limite de tempo e espaço, possibilitando que os participantes obedeçam às regras combinadas durante a atividade e desfrutem do ato de brincar entre si.

(KAUFMANN-SACCHETTO *et al.*, 2011, p. 29) citado por Maia, Farias e Oliveira (2020), quando o ato de brincar e jogar faz parte do dia a dia da criança, de maneira privilegiada, suas emoções, imaginação e, também, o cognitivo e a interatividade se desenvolve com maior êxito.

As brincadeiras e jogos possibilitam a que os alunos aprendam de uma maneira descontraída, além deles se divertirem, podem, através de uma atividade, absorver aprendizado porque o brincar é muito prazeroso, explora a criatividade dos educandos, propicia um momento de interação, socialização e esses requisitos são muito importantes para o desenvolvimento da criança.

Mas veja bem, o momento das aulas não é para ser visto como um momento de recreação por parte dos professores, por isso, as aulas e os objetivos das aulas devem ter um planejamento. Brasil (1998) apud (2010), as atividades lúdicas são bem-vindas pelas crianças, mas é claro que no contexto escolar devem ser desenvolvidas a partir de um planejamento e, para isso, é necessário criar critérios de aprendizagem.

O ambiente escolar deve priorizar atividades que potencializam o desenvolvimento da criança. As aulas de Educação Física são essenciais para possibilitar tais proezas, então, a partir das aulas de Educação Física e da temática brincadeiras e jogos, é possível contribuir para a estimulação do desenvolvimento da criança, já que tal temática pode sim somar para a melhoria na aprendizagem da criança, diante das dificuldades e necessidades do educando.

Pode ser que brincadeiras e jogos, dentro do campo educacional, não seja tão levado a sério como uma temática de ensino que possa possibilitar aprendizado, ou até mesmo, para alguns professores que preferem ignorar tal temática. Assim incapazes de olhar com bons olhos e enxergar de fato os benefícios que podem ser atribuídos ao inserir nas aulas essa temática. Assim, Maia, Farias e Oliveira (2020), enfatizam que os jogos e brincadeiras podem sim ser utilizados como ferramentas pedagógicas e didáticas, pois, contribuem para o desenvolvimento da criatividade, como também, outros fins e propósito na aula.

Como já foi citado anteriormente, no início deste capítulo, brincadeiras e jogos são uma temática de ensino proposta pela base nacional comum curricular, famosa BNCC, um dos documentos norteadores para a Educação Básica. Assim, pode ser utilizada na escola sem medo de errar.

Nallin (2005) enfatiza que a criança aprende melhor brincando, mas é claro que, dentro das escolas, é um brincar planejado e elaborado pelo professor a fim de atingir objetivos de aprendizagem. Segundo a teoria de Piaget (1986-1980), com base no estudo do desenvolvimento da inteligência, o jogo é indispensável para aquisição do conhecimento, pois a partir do jogo, a criança é estimulada a criar, recriar e agir a

partir de determinada situação. O professor deve despertar a curiosidade no aluno e a criança buscar o jogo de maneira espontânea.

Isso porque brincar é algo familiar para as crianças, fazem isso de forma natural, sendo assim, quando a temática brincadeiras e jogos é utilizada como uma ferramenta auxiliar, o professor só irá juntar o útil ao agradável. Isso é válido para toda etapa da Educação Básica. Em algumas situações, ensinar numa perspectiva lúdica é melhor para anexar o conteúdo e alcançar objetivos de aprendizagem.

Como o jogo permite desenvolver e criar regras, possibilita trabalhar com atividades no viés de ensinar valores aos alunos, como por exemplo, o respeito que é um valor muito importante para se viver bem em sociedade.

Além disso, o brincar e o jogar promovem o desenvolvimento da linguagem, no equilíbrio, na coordenação, na agilidade, na criatividade e, também, na socialização. As aulas de Educação Física são de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo argumenta Maia, Farias e Oliveira (2020). Por mais que sejam determinados objetivos de aprendizagem, porém, em uma aula os saberes e conhecimentos não se limitam somente aos que são listados pelo professor.

Oliveira (2000) apud Maia, Farias e Oliveira (2020), o brincar e jogar não possibilita apenas o recrear, diversão e prazer, mas também, o desenvolvimento integral do sujeito. No brincar, a criança desenvolve os traços da personalidade. A personalidade é algo individual, faz parte da essência do ser humano, é importante que seja construída de maneira cuidadosa e cercada de boas referências.

Pinho (2007), através da brincadeira, a criança explora o mundo a sua volta, compreende as culturas ao seu redor. É nas brincadeiras que as crianças começam a obedecer e internalizar as regras, é um fator que propicia compreensão dos papéis sociais, evidenciando para um bom convívio em sociedade.

Como já foi mencionado em parágrafos anteriores, as brincadeiras e jogos podem ser aplicadas como conteúdo específico, ou como, uma ferramenta auxiliar, por exemplo, a amarelinha pode ser aplicada para que os alunos conheçam a atividade em si e, também pode ser aplicada com o objetivo de aprimorar a capacidade de equilibrar-se, dentre outros conhecimentos (BRASIL, 2017).

Santos, Castro e Miranda (2020), são os referenciais curriculares nacionais para a Educação a DCNEI (1998) e BNCC (2017) documentos base da Educação básica, enfatizam que as brincadeiras são muito importantes, norteadoras da aprendizagem.

As situações de jogos e brincadeiras possibilitam aos alunos aprender a tomadas de decisões propícias para a construção de conceitos, a partir das circunstâncias do contexto do jogo (Silveira, 2005).

Outro ponto positivo da temática brincadeiras e jogos é o favorecimento à autoestima da criança e potencialização da superação, que contribui bastante para a formação de sujeito autônomo, capaz de respeitar a singularidade dos outros e de si mesmo. Bueno (2010), salienta que a criança, ao brincar, constrói conceitos e a infância é uma fase essencial, que possibilita a junção do conteúdo com o lúdico, facilitando o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, torna-se um dos pontos positivos, devido aos conteúdos e temas que parecem ser difíceis de abordar em sala e através da temática de ensino brincadeiras e jogos, num viés lúdico pode sim ser uma ferramenta auxiliar na aprendizagem.

Rau (2007), reafirma que é nas brincadeiras que as crianças espelham situações e ações do seu cotidiano. Durante uma brincadeira e jogo, os educandos assumem posições e papéis. Isso é muito importante para o desenvolvimento da criança. Pinho (2007), enfatiza que poucas pessoas sabem que as crianças desenvolvem muito bem ao brincar em diversos sentidos, por meio das atividades lúdicas e brincadeiras.

Ao brincar, a criança explora o mundo a sua volta, as brincadeiras potencializam o melhor desenvolvimento das funções superiores psicológicas como atenção, memória, autocontrole, porque os jogos e brincadeiras possibilitam um salto no desenvolvimento da psique infantil, as brincadeiras são pontes que facilitam a aprendizagem e o crescimento (Pinho, 2007).

Maia, Farias e Oliveira (2020), argumenta que, logicamente, a partir do momento na aula de Educação Física, o professor estimula o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, é evidente que irá proporcionar diversos conhecimentos. Porém, um pouco mais de incremento nas aulas. Através de brincadeiras e jogos, numa perspectiva lúdica, facilita o processo de aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, fica mais fácil relacionar com o mundo a sua volta e enaltecer o processo da construção de identidade do sujeito.

Vieira, Nascimento e Leôncio (2020), enfatizam que os jogos e brincadeiras são excelentes ferramentas de aplicabilidade, adequam-se às realidades em relação ao espaço, materiais e perfil dos alunos, dessa forma, o professor não deve jamais esquecer que os alunos são cidadãos com a capacidade de mudar o mundo a sua

volta, sendo assim, é importante que, na Educação básica, os educandos tenham oportunidade de ensino melhor.

Os jogos e brincadeiras possibilitam a interação e socialização, dois requisitos importantes para a formação de indivíduos sem preconceitos e discriminação. Essa temática é uma ferramenta que dá muitas vantagens para o professor trabalhar, principalmente, quando o professor compreende que os jogos, brincadeiras e o brinquedo não tem gênero e por isso não vale a pena continuar a fazer a distinção dentro desse viés.

2.5 Importância da Formação Continuada na Ação Docente

Sem sombras de dúvidas, a educação é a base de uma sociedade desenvolvida, a progressão do meio vai depender muito de sua educação. Segundo Saviani (2011), a educação tem como propósito e objetivo promover o desenvolvimento da sociedade, pois, possibilita a evolução e progressão do indivíduo e sociedade. Nessa perspectiva, fica bem notório o poder que a educação tem, mas necessita de uma educação qualificada para obter os melhores resultados.

A acomodação dos professores é um obstáculo para a evolução e melhoria das aulas. Buscar por melhorias dentro do campo educacional, é com certeza primordial para a qualidade do ensino.

Muitos ambientes escolares, tornam-se universais e únicos na forma de ministrar as aulas, desconsiderando total o grau e o nível de dificuldade a que o aluno tem para aprender os conteúdos. Entender o quanto determinadas metodologias e formas de como os conteúdos estão sendo administrados, não está sendo eficiente para a aquisição do conhecimento, é o primeiro passo.

O mundo e as pessoas estão em constante mudanças. As paredes das escolas podem até ser as mesmas, o quadro onde o professor escreve os conteúdos podem também ser os mesmos, no entanto, as pessoas e a formas de enxergar e entender o mundo estão em constante evolução e mudança.

Assim, os modelos de ensino das escolas, as metodologias e ferramentas adotadas pelos os professores devem estar associados às novas realidades escolares, de acordo com o contexto social, pois, a sociedade de hoje não é a mesma

da década de 70. Portanto, a Educação e, em específico, a Educação Física deve adequar-se ao perfil do aluno, de acordo com o século que vivemos. Teixeira (2010), aponta que as aulas tradicionais não estão em consonância com a realidade e as necessidades dos alunos, uma vez que a sociedade se transforma rápida e constante e a escola não vem acompanhando essa evolução.

A formação continuada é para que os professores se atualizem, nesse sentido, a (UNESCO,2008) sugere que o professor que tenha uma formação de ensino tradicional, busque se qualificar e dominar as inovações e novas maneiras de lecionar. O bom profissional vem sempre se atualizando e tentando fazer aulas dinâmicas proporcionando aulas qualitativas.

A formação continuada contribui em diversos fatores para ensino. Alvarado-Prada, Freitas e Freitas (2010), nesse sentido, deve ser vista como uma ferramenta auxiliar, importante para a implementação das teorias, metodologias, conteúdos, e estratégias de ensino, para melhor desenvolvimento profissional e das práticas pedagógicas.

A implementação deve ocorrer de maneira leve e não agressiva para o educador para que não perca o vigor de ensinar, como descreve Borges e Alencar (2014), o professor precisa repensar a sua forma de construção do conhecimento, pois, a interação e mediação são elementos essenciais para que aconteça a aprendizagem.

Para isso, é preciso buscar mudanças para aulas qualitativas. Essa mudança parte da formação continuada, para a construção de educador que se adequa à realidade educacional. É importante que os profissionais da Educação e, em especial, os professores compreendam a importância da formação continuada, como descreve Alvarado-Prada, Freitas e Freitas (2010), formar-se é um processo que iremos passar por toda a vida, pois, enquanto seres humanos, sempre temos algo para aprender.

Assim, vale ressaltar que não basta o professor pensar na implementação das aulas, é necessário agir e querer um melhor desenvolvimento, mudar a realidade escolar para a melhor. Nesse sentido, a escola, como espaço de formação do cidadão, é a instituição que promove ensino e aprendizagem e precisa disponibilizar recursos para que os professores compreendam a realidade institucional para uma possível mudança. É necessário entender o ponto de partida, reconhecer a realidade, analisá-la para ser traçado uma transformação Alvarado-Prada, Freitas e Freitas (2010).

Como enfatiza Pimenta e Lima (2004), para o exercício de qualquer profissão, é importante o uso técnico, para a execução é preciso técnica, nesse caso, também a profissão de professor desenvolve habilidades específicas para realizar tal atividade. Aprimorar essas habilidades é necessário para um melhor desenvolvimento das aulas.

Repensar os cursos de capacitação de professores no que diz respeito à formação continuada, para que esses profissionais tenham conhecimento tanto de forma teórica assim como na prática é importante. A formação continuada promove o aprimoramento das metodologias de ensino, com o intuito de melhorias na prática no desenvolvimento das aulas. Segundo Borssoi (2008), não existe apenas fundamentação teórica alicerçada para a formação do professor, faz-se necessária a revisão de teorias de aprendizagem e analisar a que mais se adequa à realidade institucional e ao perfil do estudante.

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitem questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, coloca-las em questionamento, uma vez que as teorias são explicáveis e sempre provisórias da realidade (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 43).

A formação do professor é uma busca constante pelo saber, não acaba no encerramento da graduação, além do saber, o professor deve se munir do saber fazer, refletir sobre a conduta do dia a dia, isso é importante para que aconteça a auto avaliação. Ela é importante porque compreende os resultados de suas ações, analisa a prática pedagógica e busque melhorá-la para um melhor saber e um melhor fazer.

Para melhor desenvolvimento do aprender, é preciso utilizar metodologias de ensino que contribuam para a aquisição do conhecimento dos educandos. Borssoi (2008), enfatiza que o professor deve desenvolver habilidades pedagógicas que condigam com a prática educativa para que os objetivos de aprendizagens sejam traçados em outra perspectiva, em uma nova realidade.

Como já foi enfatizado no início deste capítulo, a Educação é a base da sociedade. O ser humano vive em constante aprendizagem, seja direta ou indiretamente, tendo consciência disso ou não, porque o aprender é uma necessidade constante e está presente no nosso dia a dia. Porém, nem sempre o educador tem total consciência da importância dessa aprendizagem.

A escola é um espaço educativo que tem como objetivo promover a ampliação da aprendizagem humana. Assim é um espaço suscetível para a construção

conhecimento e é lá, também, um lugar de convívio social, constituição da formação do cidadão (TERZANI, 2012).

A escola é composta por membros que faz todo o processo educacional e as práticas educativas acontecerem. Estes membros são a engrenagem para a ação pedagógica no ambiente escolar, são os profissionais da educação de maneira geral, de todas as áreas, são responsáveis pela formação do cidadão e essa formação integral do sujeito caracteriza-se em disciplinas curriculares. Nessas disciplinas, estão os saberes de acordo com as determinações de objetivos de aprendizagens diante dos conhecimentos de cada ciência.

Tudo que o professor faz dentro da sala de aula é planejado, por isso, é preciso fazer uma análise da realidade institucional para traçar os objetivos, conteúdos, e metodologias que melhor se adequam ao cotidiano do aluno e da instituição escolar, pois, o aluno é centro de todo esse processo. Isso fica claro quando, antes de qualquer preparação e elaboração, seja feita uma observação e análise da realidade do aluno.

A estruturação e desenvolvimento de métodos e técnicas de ensino passa por todo um processo para elaboração dos conteúdos e técnicas porque há uma sequência lógica, para construção sociocognitiva do conhecimento.

Diante do campo de implantação do ensino, para uma melhor qualidade na prática pedagógica, na caracterização do objetivo da escola para a sociedade em si, é definido no planejamento escolar e, também na construção do Projeto político pedagógico, este documento norteador para a definição e missão da escola. Essa definição é feita a partir da realidade escolar, espaço e comunidade.

Betini (2005), dentro do campo de construção do projeto político pedagógico, deve levar em consideração as dimensões e elementos constitutivos, um dele é estrutura e conjuntura da sociedade, engloba a conjuntura sociopolítica, as mazelas da educação, incluindo os recursos educacionais em todos os sentidos. Outra dimensão é a definição da ética valorativa para formação do cidadão, quais os valores devem ser atribuídos à construção do projeto político pedagógico.

Ainda falando das dimensões que compõem a construção do Projeto político pedagógico, a outra dimensão é a consideração do espaço, dimensão espacial, incluindo os aspectos temporais e culturais onde a instituição escolar. A dimensão do processo de construção do conhecimento é importante, também, levar em consideração a definição dos conhecimentos que irão ser elaborados e produzidos para ser socializado.

Segundo Betini (2005), o projeto político pedagógico é um documento sério e, quando construído, dessa forma, é capaz de transformar uma sociedade, uma realidade local, por isso ser necessária sempre a atualização para a adequação para de uma nova realidade e, principalmente, que se encaixe ao perfil do estudante.

Dessa forma, além dos professores, sempre buscarem melhorias para a mediação do ensino, a escola deve promover este espaço e oportunidades à comunidade escolar a formação continuada.

O currículo escolar diz muito sobre a composição e qualidade de ensino da instituição escolar. Como argumenta Tezani (2012), o currículo é algo mais amplo, é bastante significativo, muito mais do que uma lista de objetivos, conteúdos e critérios de avaliação nos quais o professor deve trabalhar durante o ano letivo. A formação continuada é essencial para a melhoria da qualidade da educação, principalmente, na ministração das aulas para que os professores atualizem as metodologias de ensino, conteúdos e trace objetivos de aprendizagem, de acordo com as necessidades de aprendizagem mediante o perfil do estudante.

Porém, esses fatores devem estar integralmente associados ao currículo da escola. Essa como espaço institucionalizado para a formação do cidadão deve promover a manutenção dos conhecimentos dos professores, não como uma forma de robotizar o profissional da educação, mas para que sempre estejam se profissionalizando, dentro de sua área de conhecimento. Assim, aumentam o arcabouço de informações significativas com o intuito de promover qualidade no ensino contribuindo para a aprendizagem de novas formas de aprender e passar o conhecimento para os alunos. Manter-se informado de novas ferramentas de ensino que auxiliam e possibilitam a facilidade na aquisição do conhecimento é fundamental.

Um ponto importante, também, da relação da qualidade do ensino é a didática do profissional da Educação, em especial, neste caso, do profissional de Educação Física, pois, é fator indispensável para a aquisição do conhecimento, para as articulações dos saberes e melhor maneira de produzir conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem. Para Candau, a didática está associada à teoria e prática do ensino, portanto, uma não pode estar sem a outra, se não, não há construção da aprendizagem.

A Didática tem comprometimento no desenvolvimento das práticas de ensino que possibilitem um ensino eficiente com significados para os alunos e potencializem

a educação uma para a transformação social. Consequentemente, a Didática é importante na articulação na relação professor e aluno.

As metodologias de ensino devem ser adequadas à realidade educacional, pois, segundo Nérici (1989), as metodologias devem ser alteradas e modificadas quando necessário. O educador não deve se agarrar a um método ou metodologia como se fosse algo sagrado, por isso, a importância do ensino flexível.

É na relação ensino/aprendizagem e, mais especificamente, no sucesso dessa última, que toda didática ganha sentido. O ato educativo tem como característica a intencionalidade, ou seja, é uma ação proposital que visa um fim, o qual, por sua vez, depende das concepções dos atores presentes no ato educativo (MELO; URBANETZ, 2008). O fazer pedagógico não é só a construção de métodos de ensino, metodologias e conteúdos e dentre outros, mas deve haver intencionalidade e compromisso com o fazer nas ações educativas.

É importante que o professor compreenda a relevância da didática para a qualidade no ensino, pois, com suas técnicas e métodos, torna-se essencial para as mudanças na prática educativa, o que é positivo para a aprendizagem significativa do aluno. Não esquecendo das diversas possibilidades de metodologias de ensino, que são um meio para a construção do conhecimento. Portanto, adequam-se às novas possibilidades de ensino, desfruta de diferentes ferramentas a favor da educação, pois, a utilização de diferentes ferramentas com intencionalidade só traz contribuições para a melhoria do ensino.

3 MARCO METODOLÓGICO

3.1 Tipos de Pesquisa

A pesquisa com o tema Jogos e brincadeiras na Educação Física: uma ferramenta pedagógica para desmitificar a separação por sexo nas aulas contribuindo para o desenvolvimento do Educando, categoriza-se como uma pesquisa bibliográfica. Este estudo busca aprofundar-se em conhecimentos acerca de ações e acontecimentos que possam ter contribuído para a desigualdade de gênero, no campo educacional, no que diz respeito às atividades vivenciadas por cada gênero nas aulas de Educação Física.

Esta pesquisa foi desenvolvida, a partir de material já elaborado, com referências coerentes ao assunto em questão, seja direta e indiretamente, pois nenhuma pesquisa começa do zero. Para que uma pesquisa seja desenvolvida, é preciso ter embasamento teórico, como caracteriza Fonseca (2002) apud Gerhardt e Silveira (2009), as pesquisas bibliográficas são elaboradas a partir de referências já analisadas e publicadas, seja por meios escritos ou eletrônicos, essas pesquisas podem ser feitas em revistas, sites e artigos científicos, ou seja, toda a pesquisa é realizada através de material já publicado, sendo esses a fonte de consulta.

Assim não existe melhor maneira de conhecer fatos passados se não por dados bibliográficos. Gil (2002) afirma que a pesquisa bibliográfica é indispensável para a aquisição de conhecimentos e fatos históricos. No entanto, esse estudo busca por meio de referências bibliográficas compreender a realidade atual, a fim de desconstruir por meio de outros referenciais teóricos.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), é um tipo de pesquisa que possibilita ao pesquisador ter acesso às publicações sobre o assunto estudado, permite um arcabouço de referências teóricas com o intuito de colher informações que possam dar respostas às questões levantadas no estudo.

Porventura esta pesquisa, também, caracteriza-se como uma pesquisa explicativa, pois, busca informações de fatos e acontecimentos que possam ter contribuído para a adesão dos respectivos modelos de aulas. Segundo Gil (2002), este tipo de pesquisa se caracteriza por preocupar-se em identificar os fatores que

influenciaram e contribuíram para ocorrência de fenômenos. Portanto, esta pesquisa em seu desenvolvimento, busca nas referências bibliográficas e informações nos dados históricos que possam ter causado as influências em relação aos modelos de aulas discriminativas.

As coletas de dados bibliográficos, acerca de determinados problemas, foram observados com intuito de obtenção de respostas, para que a aquisição deste conhecimento seja útil para a sociedade, e especificamente, no contexto escolar, ou seja, para desconstrução de modelos de aulas que contribuem para a discriminação. Gerhardt e Silveira (2009), conceitua que a pesquisa é procedimento investigativo que busca por verdades e conhecimentos, sejam eles novos ou não, com o intuito de trazer respostas e soluções.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois, seu objeto de estudo não é medido por dados numéricos, mas seus resultados são estabelecidos por discussões, argumentos de referências teóricas sobre o assunto abordado. Flick (2004), afirma que este tipo de pesquisa busca interpretar o sujeito a partir do contexto que está inserido.

Como caracteriza Neves (1996), este método de pesquisa é de caráter interpretativo e busca descrever e decodificar situações e fatos, com intuito de traduzir e expressar os sentidos e significados de determinado fenômeno social. Ou seja, através de diversos dados bibliográficos, é traçado uma análise para, assim, chegar em um determinado resultado de pesquisa, com o objetivo de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teorias e dados, entre contexto e ação.

Segundo Mendes (2016), o método qualitativo de pesquisa é utilizado quando se busca entendimento e percepções sobre a gênese geral de uma determinada questão, assim dando espaço para interpretações, esse método possibilita o desenvolvimento de ideias e entendimento, a partir de padrões encontrados nos dados pesquisados pelo pesquisador. Portanto, esta pesquisa se encaixa em uma pesquisa de cunho social, no entanto, esta pesquisa envolve questões em relação a posturas estruturais. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa viabiliza o aprofundamento e conhecimento sobre o estudo de gênero e sexo na escola, especificamente nas aulas de Educação Física, contribuindo para uma maior ênfase na problematização em modelos de aulas com separação por sexo.

3.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas obras com menos de 30 anos (1991-2020) com a finalidade de ter maior arcabouço de conhecimento sobre o tema, para assim, discutir sobre as questões de desigualdade dos sexos nas aulas de Educação Física e impacto que traz para a sociedade.

4 MARCO ANALÍTICO

Esta etapa do trabalho é denominada como marco analítico, com subtítulos, resultados e discussões. Tem como objetivo discutir os resultados e discussões desta referida pesquisa, destacando as contribuições das brincadeiras e jogos para a descaracterização da ocorrência de aulas por separação por sexo e dar ênfase de como uma ferramenta auxiliar nas aulas de Educação Física, as brincadeiras e jogos, são uma ponte para a interação e socialização dos alunos, além de possibilitar diversas aprendizagens. Este estudo também aborda os fenômenos que propiciaram para que aulas de Educação Física adotassem modelos de aulas por separação por sexo.

Para a elaboração dessa pesquisa, foram feitas revisões bibliográficas em trabalhos acadêmicos sobre o tema, no geral, foram feitas revisões em trabalhos acadêmicos acerca da Educação Física historicamente, sobre a questão do termo gênero e sexo e, por fim revisões sobre as brincadeiras e jogos, que, neste caso é abordado como uma ferramenta viável para o Ensino da Educação Física, com o objetivo da implementação da desmitificação das aulas por separação por sexo.

Ao todo foram cerca de 50 trabalhos para realização deste estudo, dentre esses, 5 são trabalhos de conclusão de curso, 4 são livros e um dos documentos norteadores da Educação Básica Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Lei e Diretrizes de Base da Educação (LDB). Os demais são artigos e foram extraídos do google acadêmico. Dessa assim, segue abaixo os trabalhos em que foram feitas as revisões bibliográficas e foram essenciais para chegar a um determinado resultado.

LIVROS	TCC
CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física no Brasil: A história que não se conta, Papirus, corpo e motricidade , Campinas, SP, 1988.	NALLIN, Claudia Góes Franco. Memorial de Formação: o papel dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil , Campinas, SP : [s.n.], 2005.
CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta . 12°. ed. Campinas: Papirus, 2003.	BUENO, Elizangela. JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ensinando de forma lúdica , Universidade estadual de Londrina, p. 1-43, 2010.

<p>ROHDEN, Fabíola. Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.</p> <p>SOUSA, Eustáquia Salvadora. Ensino da educação física escolar para turmas mistas: muito difícil! Difícil demais!?! In: Dois Pontos: teoria & prática em educação. Vol. 4, n. 31, p.78-82, mar./abr., 1997.</p> <p>GIL, Antonio Carlos, Como elaborar projetos de pesquisa, ed. 4, São Paulo:Atlas, 2002.</p>	<p>NAGEL, Annie Reis dos Reis, Aulas de Educação Física mistas e/ou separadas: o que justifica? Quais as razões? Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.</p> <p>OLIVEIRA, Anay Stela; KNÖNER, Salette Farinon. A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB, 2005.</p>
--	--

Quadro 01: Livros e TCC

Fonte: elaboração dos autores (produzida em 2021).

ARTIGOS
<p>ROSEMBERG, Fúlvia, Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporânea Revista? vol. 9, n. 2, 2001. p. 515- 540.</p>
<p>BUTLER, Judith, Regulações de gênero. Cadernos pagu, Janeiro- junho, 2014. p:249-274.</p>
<p>SPIZZIRRI, Giancarlo, PEREIRA, Carla Maria de Abreu, ABDO, Carmita Helena Najjar, O termo gênero e suas contextualizações, Diagn tratamento, 2014.</p>
<p>PRAUN, Andrea Gonçalves, Sexualidade, gênero e suas relações de poder. Revista Húmus, n.1, jan/abr, 2011.</p>
<p>DORNELLES, Priscila Gomes, Distintos destinos: a separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero, Poto Alegre: Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2007.</p>
<p>DORNELLES, P.; FRAGA, A.B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, 2009.</p>
<p>DEVIDE, F. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Revista. Ijuí: Unijuí, 2005.</p>
<p>LOUZADA, Mauro. VOTRE, Sebastião. DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007.</p>
<p>LOUZADA, M; DEVIDE, F. Representações sociais de discentes sobre aulas de educação física escolar mistas e separadas por sexo. In: ENCONTRO</p>

FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2004, Niterói. Anais... Niterói: UFF, 2004. v.1, p.322-327.

LOUZADA, Mauro. VOTRE, Sebastião. DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física, **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007

Conselho Regional de Educação Física da 7ª Região Educação Física – Fundamentos para Intervenção do Profissional Provisionado / Márcio de Moura Pereira, Alexandre Fachetti Vaillant Moulin (Organizadores). Brasília: CREF7, 2006.

GOELLNER, V. S. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história, **Rev, Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, 2005.

OLIVEIRA, M. T. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DITADURA MILITAR NO BRASIL (1968-1984): ENTRE A ADESÃO E A RESISTÊNCIA, **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004.

VIANNA, Cláudia, FINCO, Daniela. Meninos e meninas na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** 2009(33): 265-83.

SANTOS, Adriano Alves. Pereira, Otaviano José. A Importância dos jogos e brincadeiras lúdicas na Educação infantil. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, V.11, número 25, p. 480-493, set.-dez. 2019.

TONET, Ivo. Educação e formação humana, **rev. Centro de Educação e letras da Unoeste**, Campus de foz do Iguaçu, v.8, n.9, p. 9-21, 2006.

DARIDO, Suraya Cristina. RANGEL BETTI, Irene Conceição. RAMOS, Glauco Nunes Souto. Galvão, Zenaide. Ferreira, Lílian Aparecida. MOTA E SILVA, Eduardo Vinicius. RODRIGUES, Luiz Henrique. SANCHES, Luiz. PONTE, Gustavo. CUNHA, Felipe. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Rev. paul. Educ. Fís**, São Paulo, p.17-32, jan./jun. 2001.

Quadro 01: Artigos

Fonte: elaboração dos autores (produzida em 2021).

Essas obras foram todas destinadas para a construção deste estudo com o intuito de trazer discussões sobre a descaracterização de aulas de Educação Física que, em algumas realidades escolares, ainda são ministradas de maneira separada. Aulas que ocorrem de maneira separada contribui para a formação de sujeito preconceituoso, que discrimina as pessoas, por serem diferentes.

Este estudo dar ênfase a unidade temática brincadeiras e jogos como uma alternativa de ferramenta auxiliar, no sentido de descaracterizar a separação por sexo nas aulas de Educação Física porque muitas escolas e professores de Educação

Física, por sua vez, ainda faz aplicabilidade de suas aulas, com modelos de aulas com a separação por sexo, neste caso, o sexo de nascimento do indivíduo.

O primeiro capítulo deste estudo foi destinado para abordar Educação Física historicamente e o vínculo da separação por sexo nas aulas de Educação Física que perdurou até os dias de hoje. Logo Guimarães *et al.* (2001), argumenta que a Educação Física, no decorrer do seu processo histórico, foi utilizada como um instrumento ideológico. No entanto, sempre se moldou de acordo com as necessidades da época.

Nessa perspectiva, assim como a sociedade, com a Educação Física, não foi diferente, com o olhar sexista, limita as ações, modo de ser e agir de acordo com o sexo de nascimento do indivíduo, desde então, pautado nos argumentos biológicos que diferencia homens e mulheres anatomicamente e hormonalmente, na Educação Física, meninos e meninas eram destinados a realizarem atividades diferentes.

Isso possibilitou a intensificação para a divisão das atividades físicas de menino e atividade física de menina. Essa divisão foi severamente naturalizada, pois, até os dias atuais existem professores que fazem a aplicabilidade dos conteúdos com a divisão por sexo.

Em outro caso, como aborda Correia e Carvalho (2020), ocorre a exclusão das meninas, baseado nos argumentos biologicista, diminuem o sexo feminino e exaltam o sexo masculino como habilidosos, como se esses já nascessem com pré-disposição a ser um atleta e as mulheres não. Enfim, o primeiro capítulo denuncia a discriminação na Educação Física que, por muito tempo, agarrou-se em argumentos biologicista e contribuiu para desigualdade de gênero dentro do campo da Educação Física.

No segundo capítulo, o assunto é sobre as aulas mistas x aulas separadas, por muito tempo, foi defendida a aula separada por sexo, de acordo com o decreto de número 69.450, porém segundo Louzada (2007) com o PCNS e LBD, foi efetivada a importância das aulas mistas. Darido *et al.* (2001), colabora sobre o quanto é importante a inclusão de aulas mistas, pois, contribui para uma educação livre de preconceitos e para a formação de indivíduos que respeitem as diferenças. E mais, a LBD sugere que as aulas ocorram de maneira mistas.

Em seguida, o capítulo terceiro vem descrevendo as diferenças do termo sexo e do termo gênero e o quanto esses termos vêm sendo confundidos. Porém, um termo tem relação com o outro. Mas o termo sexo está associado ao sexo de nascimento,

ao ser feminino ou masculino, já o termo gênero está ligado ao ser social, (NOGUEIRA, 2001).

No quarto capítulo, portanto, as brincadeiras e jogos são uma temática de ensino pela BNCC, que possibilita a apreciação do brincar, a participação coletiva, diante do que está na BNCC (2017), é uma unidade temática, pode ser utilizada como uma ferramenta auxiliar ou como conteúdo.

É papel da escola e do professor argumenta Maia, Farias e Oliveira (2020), possibilitar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor. Porém, é importante evidenciar que, além da aquisição dessas aprendizagens, é certo que as aulas sejam realizadas de forma que os objetivos de aprendizagens, sejam iguais para todos, de acordo com a singularidade da turma e do perfil do aluno.

Assim o quarto capítulo foi destinado para dá ênfase na temática brincadeiras e jogos como uma ferramenta auxiliar no ensino da Educação Física, pois, essa temática possibilita versatilidade, adequa-se com muito sucesso e precisão à realidade do alunado mediante o seu perfil, ao tempo, espaço e, até mesmo, a disponibilidade de materiais dependendo do ambiente escolar. Além disso, essa temática de ensino traz leveza por meio de sua ludicidade, mas que de nenhuma maneira descaracteriza a seriedade nos aspectos da aprendizagem e possibilita a construção de valores para a formação do indivíduo.

Contribui para a desnaturalização de modelos de aulas com separação por sexo, no entanto, só contribui para desigualdade de vivências dos alunos e alunas, e mais, colaborando para a potencialização do ciclo dos destinos predestinados dos indivíduos na sociedade, ou seja, sempre são expostos as mesmas vivências e atividades de acordo com o sexo de nascimento.

Santos e Pereira (2019), enfatizam que o educador é responsável por todas situações de aprendizagens, por isso, deve reconhecer o valor dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento dos alunos. Falando em melhor desenvolvimento dos alunos, é importante que o educador adote modelos de aulas que contribuam para uma formação de qualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exclusão das mulheres nas práticas esportivas e especificamente nas aulas de Educação Física são resquícios de uma sociedade e Educação Física sexista, que por sua vez, por muitos anos, teve a prática de atividades diferenciadas, de acordo com o sexo do indivíduo. As diferenças das vivências nas atividades eram explicadas de acordo com os argumentos biologicistas.

Porém, os argumentos biologicistas não deve ser justificativa para ocorrências de aulas com a separação por sexo e a permanência com a separação por sexo porque contribuirá para a formação do sujeito sem respeito pelas diferenças e discriminação.

Além de contribuir para o crescimento da desigualdade entre os gêneros, limitando os arcaísmos de vivências praticadas por meninas e meninos cujas mulheres são excluídas das práticas de atividades e os meninos são automaticamente condicionados à prática esportiva, reduzem a disciplina de Educação Física à prática esportiva.

Assim, é importante que os professores, como principais responsáveis, pelas situações de aprendizagens adotem modelos de aulas que contribuam de fato para formação dos alunos nos aspectos afetivos, sociais, motores e, além disso, na formação do sujeito que não diminui o outro ser diferente.

Contudo, as brincadeiras e jogos são uma ferramenta de ensino que permite melhor facilidade na aquisição dos conhecimentos dos alunos e para o educador uma temática aliada para alcançar os objetivos de aprendizagem. No brincar, a criança e o aluno centralizam na ludicidade, participam de forma coletiva porque as brincadeiras e os brinquedos não têm gênero, uma vantagem para o ensino e aprendizagem.

Dessa forma, o professor deve se agarrar às ferramentas que facilitem o aprendizado dos alunos e, também, promovam o desprendimento de modelos de aulas ultrapassados que não ajudam a somar em nada, permitindo a permanência no retrocesso. As brincadeiras e jogos são importantes para a formação do indivíduo, formando cidadãos críticos e autônomos que respeitam as diferenças. Manter as aulas por separação por sexo, torna a Educação Física uma disciplina excludente, que discrimina, que reforça o preconceito entre o gênero no que diz respeito às vivências das atividades escolares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. D. Conflitos de gênero na escola: um olhar atento para a prática pedagógica dos professores de educação física. **Coleção Pesquisa em Educação** – Vol. 13, n. 4, 2014.
- ALVARADA-PRADA, Luis Eduardo. FREITAS, Thaís Campos. FREITAS Cinara Aline Freitas. **Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas**, Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami. ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na Educação Brasileira no século XX, **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009.
- BORSSOI, Berenice Lurdes. **O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: da teoria à prática, ação-reflexão**, Unioeste, Cascavel, PR, 2008.
- BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BUENO, Elizangela. **JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ensinando de forma lúdica**, Universidade estadual de Londrina, p. 1-43, 2010.
- BUTLER, Judith, **Regulações de gênero**, Cadernos pagu, Janeiro- junho, 2014. p:249-274.
- CANDAU, V. M. **Rumo a uma Nova Didática**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARVALHO, Joanna Hariel de Almeida. CORREIA, Mesaque Silva. **Nem João, nem Maria: as práticas corporais para integração de gêneros nas aulas de Educação Física**, v. 3, n. 1, Jan./Jun, 2020.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 12°. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**, Papyrus, corpo e motricidade, Campinas, SP, 1988.
- DARIDO, Suraya Cristina. RANGEL BETTI, Irene Conceição. RAMOS, Glauco Nunes Souto. Galvão, Zenaide. Ferreira, Lílian Aparecida. MOTA E SILVA, Eduardo Vinicius. RODRIGUES, Luiz Henrique. SANCHES, Luiz. PONTE, Gustavo. CUNHA, Felipe. A EDUCAÇÃO FÍSICA, A FORMAÇÃO DO CIDADÃO E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, **Rev. paul. Educ. Fís**, São Paulo, p.17-32, jan./jun. 2001.
- DEVIDE, F. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. **Ijuí: Unijuí**, 2005.

DEVIDE, Fabiano Pries. OSBORNE, Renata. SILVA, Elza Rosa. FERREIRA, Renato Callado. CLAIR, Emerson Saint. NERY, Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

DORNELLES, P.; FRAGA, A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. 2009.

DORNELLES, Priscila Gomes, **Distintos destinos: a separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero**, Poto Alegre: Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2007.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDTE, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, ed. 4, São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, V. S. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. **Rev, Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, 2005.

GUIMARÃES, Ana Archangelo. PELLINI, Fernanda da Costa. ARAUJO, Jiffeson Sobral Romual. MAZZINI, Juliano Meneghetti. Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Motriz** Jan-Jun 2001, Vol. 7, n.1, pp. 17-22.

KAUFMANN-SACCHETTO, K.; MADASCHI, V.; BARBOSA, G. H. L.; SILVA, P. L.; SILVA, R. C. T.; FILIPE, B. T. C.; SOUZA-SILVA, J. R. O ambiente lúdico como fator motivacional na aprendizagem escolar. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 28-36, 2011.

LOUZADA, M; DEVIDE, F. Representações sociais de discentes sobre aulas de educação física escolar mistas e separadas por sexo. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2004, Niterói. **Anais** Niterói: UFF, 2004. v.1, p.322-327.

LOUZADA, Mauro. VOTRE, Sebastião. DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física, **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007.

MAIA, Divanalmi Ferreira. FARIAS, Álvaro Luís Pessoa. OLIVEIRA, Marcos Antonio Torquato. Jogos e brincadeiras nas aulas de educação física para o desenvolvimento da criança. **Revista Cenas Educacionais**, Caetité – Bahia - Brasil, v. 3, n. 8623, p. 1-17, 2020.

MELO, A. de; URBANETZ, S. T. Fundamentos de didática. Curitiba: Ibpex, 2008.

MENDES, Eber da Cunha. **Métodos e técnicas de pesquisa**, Serra, ES: Centro de Ensino Superior Fabra, 2016.

NAGEL, Annie Reis dos Reis, **Aulas de Educação Física mistas e/ou separadas: o que justifica? Quais as razões?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NALLIN, Claudia Góes Franco. N149m Memorial de Formação: o papel dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, Campinas, SP: [s.n.], 2005.

NÉRICI, Imídeo. Metodologia do Ensino: uma introdução. São Paulo: Atlas, 1989.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa- Características, uso e possibilidades**, caderno de pesquisa em administração, v. 1, n.3, 2ºSEM, 1996.

NOGUEIRA, Conceição. Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, Anay Stela; KNÖNER, Salete Farinon. **A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB, 2005.

OLIVEIRA, M. T. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004.

Padrões de competências em TCI para professores. Paris: UNESCO, 2008.

PEREIRA, Márcio de Moura.; MOULIN, Alexandre Fachetti Vaillant. Conselho Regional de Educação Física da 7ª Região Educação Física – Fundamentos para Intervenção do Profissional Provisionado. Brasília: CREF7, 2006.

PINHO, Luis Marcelo Varoneli. A importância das brincadeiras e jogos na educação infantil. **Rev. Científica eletrônica de pedagogia**. Ano. 5 n. 10, Julho de 2007.

PRAUN, Andrea Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**. n.1, jan/abr, 2011.

ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia, **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporânea**, vol. 9, n. 2, 2001. p. 515- 540.

SANTOS, Adriano Alves. Pereira, Otaviano José. A importância dos jogos e brincadeiras lúdicas na Educação infantil. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, V.11, número 25, p. 480-493, set.-dez. 2019.

SANTOS, J. W. dos.; BARROSO, R. M. B. **Manual de Monografia da AGES: graduação e pós-graduação.** – Paripiranga: AGES, 2019.

SANTOS, Rafaella Matos. CASTRO, Thalya Rodrigues. MIRANDA, Alzenira de Carvalho. Intervenção pedagógica com jogos e brincadeiras na educação infantil. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n.6, p. 37386-37396 jun. 2020. ISSN 2525-8761. SAVIANI, Dermeval; Nova lei da educação : trajetória, limites e perspectivas, A - 12. ed. / 2011.

SILVA, Rachel Bonfim. Pinheiro, Sirlene Mota. Ideologia das brincadeiras X brinquedos de meninos X meninas. **revista bibliomar**, São Luís, v.7, n.1, p.59-70, jan/jun, 2018.

SILVEIRA L. D. **Educação Física e atividade lúdica:** o papel da ludicidade no desenvolvimento psicomotor. 2005.

SOARES, Everton Rocha. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires - Año 17 - Nº 169 - Junio de 2012.

SOUSA, Eustáquia Salvadora. **Ensino da educação física escolar para turmas mistas: muito difícil! Difícil demais!?!** In: Dois Pontos: teoria & prática em educação. Vol. 4, n. 31, p.78-82, mar./abr., 1997.

SPIZZIRRI, Giancarlo, PEREIRA, Carla Maria de Abreu, ABDO, Carmita Helena Najjar, **O termo gênero e suas contextualizações**, Diagn tratamento, 2014.

TEIXEIRA, Rafaela. **A física nas escolas:** do ensino tradicional ao ensino moderno. Porto Velho: UFRO, 2010.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **Considerações sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação Básica e as Práticas Pedagógicas Curriculares**, p. 140-162, São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

TONET, Ivo. Educação e formação humana. **rev. Centro de Educação e letras da Unoeste**, Campus de foz do Iguaçu, v.8, n.9, p. 9-21, 2006.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. ALTMANN, Helena. Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **rev. brasileira ciências do esporte**, 2016, p. 163-173.

VIANNA, Cláudia, FINCO, Daniela. Meninos e meninas na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** 2009.

ANEXOS

ANEXO 01

ages

TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS, ESPANHOL OU FRANCÊS
Anexar documento comprobatório da habilidade do tradutor, oriundo de IES ou instituto de línguas

Eu, Maiana Sampa de Andrade,
declaro inteira responsabilidade pela tradução do Resumo (Abstract/Resumen/Résumé)
referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulada:
Jogos e Brincadeiras na Educação Física: Uma
Ferramenta Pedagógica para Diagnosticar as
Separções por Sexo nas aulas Contribuindo para
o Desenvolvimento do Educando
a ser entregue por Silvia Regina dos Santos,
acadêmico (a) do curso de Educação Física.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade
pelo zelo do trabalho no que se refere à tradução para a língua estrangeira.

Paripiranga, 13 de junho de 2021.

Maiana Sampa de Andrade
Assinatura do tradutor



Certificate of Achievement



WITH HONORS

This certifies that

Mariana Sousa de Andrade

has successfully completed the Fisk English Course prescribed for graduation from this school.

city of _____

Shreeju

state of _____

MI

date

November 29, 2016

Director

John Diamond III

President

[Signature]



Fundación RICHARD HUGH FISK



Authorized CAMLA Test Center



ANEXO 02



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE NORMAS TÉCNICAS

Anexar documento comprobatório de habilidade, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, **MAIQUE DOS SANTOS BEZERRA BATISTA**, declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa do Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado: **JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma ferramenta pedagógica para desmitificar a separação por sexo nas aulas contribuindo para o desenvolvimento do Educando a ser entregue por SIBELE PEREIRA DOS SANTOS, acadêmico (a) do curso de EDUCAÇÃO FÍSICA- Licenciatura.**

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 13 de junho de 2021.

Maique dos Santos Bezerra Batista
Assinatura do revisor



Avenida Universitária, 23
Parque das Palmeiras Cidade Universitária
Prof. Dr. Jayme Ferreira Dacelo Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277
Tucano - BA

Rodovia Lenanto Júnior, BR 407 - Centro
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antonio Martins de Azevedo,
279 Varzeas dos Capangas
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,
101 Bairro Petrópolis, BR 924
Jacuina (BA)

Rua Dr. Anacleto Duarte
nº 27 - Brejo - BA, 44500-000



UniAGES
Centro Universitário

O Reitor do Centro Universitário AGES, no uso de suas atribuições, tendo em vista a conclusão do curso de Educação Física, em 27 de abril de 2019, confere o título de

Bacharel em Educação Física a

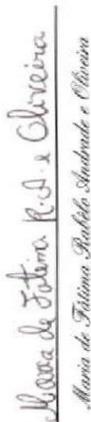
Maique dos Santos Bezerra Batista

brasileiro, natural do estado de Sergipe, nascido em 16 de março de 1993, RG 24275204-SSP/SE, filho de Miguel Bezerra e Dilma de Jesus dos Santos Bezerra, e outorga-lhe o presente diploma a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Paripiranga (BA), 27 de abril de 2019.


José Wilson dos Santos
Reitor


Maique dos Santos Bezerra Batista
Diplomado


Maria de Fátima Póssio Andrade e Oliveira
Secretária Acadêmica



ANEXO 03



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório de habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, **JALDEMIR SANTANA BATISTA BEZERRA** declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa do Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado: **JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma ferramenta pedagógica para desmitificar a separação por sexo nas aulas contribuindo para o desenvolvimento do Educando a ser entregue por SIBELE PEREIRA DOS SANTOS**, acadêmico (a) do curso de **EDUCAÇÃO FÍSICA- Licenciatura**.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 13 de Junho de 2021.


Assinatura do revisor



Avenida Universitária, 22
Parque das Palmeiras Cidade Universitária
Prof. Dr. Jayva Ferreira Gueno Paripiranga - BA

BR 116 - 104 277
Tucuruí - BA

Rodovia Lençóis Junior BR 407 - Centro
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes
270 Varzea dos Cágados
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária
701, Bairro Pedro Branco, BR 524
Jacobina (BA)

Rua Dr. Angelo Damasceno
nº 27 - Itacaré - BA, 46 300-000.



Faculdade AGES



O Diretor Acadêmico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,
no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras
em 06 de março de 2005, confere o título de

Licenciado em Letras a

Jaldemir Santana Batista

brasileiro, natural do Estado da Bahia, nascido a 30 de março de 1979, RG 0928842452 - SSP/BA,
filho de João Batista Filho e Maria Santana Batista.

e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Paripiranga-BA, 06 de março de 2005

José Wilson dos Santos
Diretor Acadêmico

Diplomado

Maria de Fátima Rebelo Andrade e Oliveira
Maria de Fátima Rebelo Andrade e Oliveira
Secretária Acadêmica